

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director interino: ALBERTO DIAS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; Africa Portuguesa, 6 meses
66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

SEXTA FEIRA, 10 DE DEZEMBRO DE 1925

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2462

DIÁRIO DA MANHÃ

O problema do ensino técnico

Não é apenas o analfabetismo que torna de difícil solução o problema educativo em Portugal. Com efeito o analfabetismo é o cancro que maiores atenções e cuidados requer. Mas um povo não se eleva mentalmente apenas por extinguir o analfabetismo. Há outros ramos de instrução que merecem igualmente uma atenção especial. Entre eles, um dos mais importantes é, sem a menor sombra de dúvida, o do ensino técnico.

Sem escolas técnicas em abundância e bem apetrechadas não há possibilidade de se ter uma indústria forte. Não basta a existência de operários hábeis. Se bem que as aptidões naturais, individuais, dos trabalhadores constituam um poderoso elemento para o aperfeiçoamento industrial o certo é que, presentemente, na época que decorre, esse elemento de pouco ou nada vale desde que não seja assistido de um ensino modelar moderno que bem lho aproveite e desenvolva.

Está reconhecido que não há possibilidade de desenvolvimento industrial sem a existência de escolas técnicas. São elas que familiarizam o operário com os mais modernos processos de trabalho; são elas que dão ao indivíduo noções especiais que o levam a conhecer a fundo a profissão que abraça.

Nos países mais adiantados o ensino técnico alcançou um desenvolvimento verdadeiramente assombroso. É curioso que, embora num intuito interesseiro, o patronato nesses países interesse-se pela educação técnica dos operários. Fã-lo para ter nas suas fábricas e oficinas pessoal habilitado e não por simples amor à instrução.

Entre nós, nem o patronato de mentalidade acanhada por esses problemas se interessa, nem o Estado, que é o reflexo da mentalidade da classe capitalista dominante, dá à instrução técnica a atenção devida.

As escolas técnicas são poucas e pobres. Vivem entre grandes dificuldades e ressentem-se do meio pelínha em que vegetam. Por vezes, o seu processo de ensinar não possui espírito prático e não proporciona aos alunos os conhecimentos indispensáveis para o exercício da profissão.

Muitas indústrias regionais encontram-se decadentes e prestes a desaparecer porque não existem escolas onde metódicamente se habilitem os operários. E perante este estado de coisas ninguém se mexe, nem os poderes públicos—os mais habilitados a fazê-lo—tomam resoluções tendentes a dar ao ensino técnico em Portugal o desenvolvimento necessário.

A questão mineira na Câmara dos Comuns

LONDRES, 9.—A Câmara dos Comuns rejeitou por 339 contra 131 votos, a moção de censura ao governo pela sua conduta durante o conflito mineiro e apresentada pelo partido trabalhista.

O sr. Macdonald criticou especialmente a atitude do governo pela adopção do dia de oito horas de trabalho e por ter abandonado o princípio do acordo nacional, concluindo o seu discurso por um apelo à generosidade dos proprietários das minas.

O sr. Baldwin respondeu dizendo que a lealdade dos mineiros foi deturpada pela incompetência dos seus dirigentes e acusou o partido trabalhista de não ter sabido intervir quando os trabalhadores estavam sendo enganados.—(L.)

As declarações do delegado dos mineiros ingleses em Moscú

MOSCOU, 9.—O sr. Cook, secretário da Federação Inglesa dos Mineiros, chegou a Moscú, sendo acolhido com grandes manifestações, da parte dos elementos comunistas. Falando no banquete que lhe foi oferecido, o sr. Cook declarou que a Inglaterra está sendo minada por milhões de desempregados, como consequência do encerramento das fábricas, e pela próxima separação das colónias da mãe-pátria.

Admiração natural e indispensável...

ROMA, 9.—O infante Afonso de Espanha, chegado a Roma, manifestou a sua admiração pelo presidente Mussolini, e manifestou igualmente o seu entusiasmo pelo renascimento da aviação italiana.—(H.)

A "blague" da fiscalização militar na Alemanha

GENEVA, 9.—Os juristas chegaram a acordo sobre o problema da fiscalização militar da Alemanha pela Sociedade das Nações.

A evacuação da Renânia e do distrito do Sarre foi considerada separadamente e serão eventualmente debatidas em subseqüentes conferências.

Espera-se que o problema da fiscalização esteja completamente resolvido no sábado.—(L.)

RALHAM AS COMADRES

As manobras de Pereira da Rosa e seus acólitos atingem as alturas do maior dos escândalos

O trio acrobático Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Moisés Amzalak exibiu ontem alguns números do seu reportório que foram pateados pelos assistentes e apenas aplaudidos pela claque

Parece que foi preciso a Batalha afirmá-lo para que neste momento na restante imprensa houvesse a coragem de se dizer bem alto o que já se murmurava pelos cantos—os homens do Século são uns burlões.

A Batalha contou tudo. E hoje toda a gente sabe de que «malas artes» se serviram os «três irmãos unidos» para se apossar do que não lhes pertencia.

Pereira da Rosa, Moisés Amzalak e Carlos de Oliveira fizeram esta cousa simples: entraram no Século que havia sido comprado pela moribunda U. I. E. e como se tivessem despendido do seu bolso qualquer quantia para a sua aquisição deram ordens, puzeram e dispuseram como exército invasor em país conquistado.

Os comerciantes, industriais e agricultores, que tinham sido burlados, aturaram tudo, todas as ofensas, todas as burlas, silenciosamente, timidamente, sem que um rubor de vergonha lhes aquecesse as faces, sem que um gesto de espontânea defesa os dignificasse um pouco aos olhos do público.

Os três da vida airada, ante tanta cobardia das forças económicas animaram-se, entusiasmaron-se e depois de roubá-las, insultaram-nas, descobriram-lhes os póders, atiraram pactos, revelaram os segredos do negócio.

As comadres ralharam—e descobriram-se as verdades.

O que eles dizem uns aos outros

Como ontem noticiámos, Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Moisés Amzalak não tencionam parar na prática daqueles actos degradantes que, mercê das revelações de A Batalha, todo o país hoje conhece. Pretendem ir mais longe para melhor assegurarem o triunfo das suas manobras torpes. Abusando sempre do que não lhes pertence, fizeram à custa das forças económicas mercadamente intrujadas despesas em seu benefício pessoal, fundiram tipo novo para imprimir os insultos dirigidos aos roubados.

Tardiamente o «honrado» comércio de Lisboa reagiu. A assembleia geral da Associação Comercial de Lisboa, realizada há dias, foi o princípio do fim. Ela dá bem a nota do caos estabelecido no seio das forças vivas e mostra que os Pereira da Rosa, embora em minoria, ainda encontram quem defenda seus actos indefensáveis. A hora que escrevemos está decorrendo a continuação deste filme trágico-cómico que A Batalha descobriu, noutra assembleia da Associação Comercial. Estão as forças económicas mostrando de que estofos morais são feitos os paladinos da sua causa. Este Pereira da Rosa é um símbolo da moralidade do «honrado» comércio. E como eles andam desavindos, nós gozamos de palanque as suas fraquezas e malquerenças.

O que eles dizem uns aos outros! Querem os leitores uma amostra elucidativa da maneira como eles se tratam, os eternos adversários do proletariado? Leiam isto que vem circulando nuns papelinhos distribuídos de mão em mão:

«O comércio, a indústria, e a agricultura no propósito de terem na imprensa um órgão que defendesse os seus legítimos interesses, resolveram em tempos adquirir O Século, tendo realizado por subscrição a importância precisa.

A administração daquele jornal foi então confiada aos directores da Associação Comercial de Lisboa, srs. João Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Amzalak, que acabaram por se apossar do jornal para fins inconfessáveis passando a insultar o comércio que ali os tinha colocado.

Mas pior, o já celebre grupo dos «Três» não satisfeito com essa orientação inexplicável, está ainda cometendo abusos inconfessáveis tais como adquirir por arrendamento o jornal A Capital conforme escritura transcrita, vendendo à firma Mendonça & Alves, sócios de Pereira da Rosa, 250 bobinas de papel e cerca de 4 toneladas de tipo novo que ao «Século» pertenciam e que valem alguns centos de contos! Todo este material se encontra já na garagem de Mendonça & Alves.

As comadres de Lisboa perguntamos se é lícito, se é honesto que um gerente faça em seu nome negócios que digam respeito à sua empresa e servindo-se do lugar ocupado para montar uma outra para com ela concorrer?

Tão ilustres administradores são capazes de vir dizer que a montagem desse outro jornal tem apenas por fim defender os «interesses do Século» na previsão de que ele venha a ser arrolado pelos vigaristas que em má hora confiaram o seu rico dinheiro ao «grupo dos três». E é esse grupo que pretende apossar-se da velha Associação Comercial de Lisboa, de tão honrosas tradições!

Nada mais diremos. O honrado comércio de Lisboa saberá como responder-lhes. Que dizem a isto os leitores?

A escritura do «negócio da Capital»

Afirmámos que Pereira da Rosa tinha tomado de arrendamento, em seu nome pessoal, a gazeta A Capital.

E' mais uma manobra escura que oculta os mais tenebrosos desígnios. Para prova de que era verdade o que cnem afirmámos acerca da Capital reproduzimos fielmente nas nossas colunas a escritura de mais este negócio do chefe do bando:

«No dia quatro do mês de Dezembro do ano de mil novecentos e vinte seis, na cidade de Lisboa e edifício do jornal O Século, sito na rua do Século, números quarenta e nove a cinquenta e três, aonde eu, Avelino de Faria, notário da comarca, cartório na rua Nova do Almada, número sessenta e quatro, primeiro andar, expressamente chamado vim para este acto, aqui perante mim, se encontram presentes como outorgantes...

Primeiro—o Senhor Manoel Guimarães, solteiro, maior, morador na rua das Salga-deiras, número um... Segundo—o Senhor João Pereira da Rosa, casado, industrial, morador na rua de São Bernardo, número vinte e sete;... ambos jornalistas, desta cidade e pessoas cuja identidade reconheço, por me ter sido abonada pelas testemunhas adiante mencionadas e minhas conhecidas.

E pelo primeiro outorgante foi dito:—Que é possuidor de uma máquina rotativa de impressão, Marlinoni e de vários aparelhos de stereotipia destinados a fazer clichés para a mesma máquina que se encontram instalados na sua oficina sita na Rua da Bica Duarte Belo, setenta e um, e de vários material tipográfico, como tipo comum e de fantasia, ramos e outros pertences actualmente também instalados na outra sua oficina, sita na Rua do Norte, número cinco.

Que pela presente escritura ele primeiro outorgante dá de alugar ao segundo outorgante todos estes mencionados objectos para com eles fazer a impressão de qualquer jornal ou jornais nas seguintes condições:

Primeira—O referido aluguer é pelo prazo de um ano renovável, a começar desde hoje e a terminar por consequente em igual dia e mês do próximo ano de mil novecentos e vinte e sete.

Segunda—O preço do aluguer é de três mil escudos mensais, pagos adiantadamente de um a cinco de cada mês.

Terceira—Para todos os efeitos este contrato se considera renovado se qualquer dos outorgantes não notificar o outro por carta registada com a antecedência de cento e vinte dias de que lhe não convém a renovação.

Quarta—Fica desde já o segundo outorgante autorizado a ceder os direitos que lhe são conferidos por este contrato como a quem o entender.

Quinta—O segundo outorgante não pode sem prévio e expresso acordo do primeiro outorgante deslocar os objectos alugados dos locais aonde se encontram instalados, pois que com a sua mudança poderão sofrer perda irreparável.

Sexta—Antes do segundo outorgante iniciar a utilização do material alugado proceder-se-há a um inventário, que se fará em duplicado, será assinado por ambos os outorgantes e ficará considerado como fazendo parte integrante desta escritura.

Pelo segundo outorgante foi dito: Que aceita esta escritura tal como fica exarada.

Foram testemunhas a este acto os senhores Alexandre Augusto Ramos Certi, casado, empregado no comércio, morador na praça do Brasil, número quarenta e cinco e Manuel Celestino Matias, casado, gráfic, morador na travessa dos Inglezinhos, número vinte e oito; ambos desta cidade e pessoas cuja idoneidade averigui pelas suas próprias declarações perante as quais e simultaneamente li em voz alta esta escritura aos outorgantes.

Os outorgantes: (a) Manuel Guimarães, João Pereira da Rosa.

As testemunhas: (a) Alexandre Augusto Ramos Certi e Manuel Celestino Matias.

O notário, Avelino de Faria.

Os últimos a rir

As acusações de A Batalha confirmam-se dia a dia. O escândalo tomou proporções assombrosas. E se os três irmãos unidos tivessem dez reis de vergonha há muito que teriam procurado em sítio bem recatado e escondido um refúgio onde não chegassem os ecos do nojentos combate travado entre eles e as forças económicas.

E' possível que nos enganemos, mas ainda havemos de ver os homens do Século corridos das suas posições, por indecentes e má figura, senão num calabouço como vulgares vigaristas—que outra cousa não são.

Ainda não há muito tempo que Pereira da Rosa era o menino amado, o ídolo adorado das forças vivas. E' que então defendia ele no jornal que conquistara a moralidade sorna do comércio, da indústria e da agricultura contra os interesses do povo e as justas reclamações da classe operária. Agora que lhes voltou o dente—há de pagá-las. Não lhe perdoarão a traição ignóbil. Há de aniquilá-lo.

E nós que seremos os últimos a rir—rir-nos hemos bem, como dizia o outro.

Vamos rir muito, prezados leitores.

Um espectáculo sensacional

Estava marcada para ontem, na Associação Comercial, a continuação da assembleia suspensa na segunda-feira devido aos tumultos ali ocorridos. No programa do espectáculo havia um número de grande sensacionalidade: «A escalada do Século pelo trio acrobático Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Moisés Amzalak».

Muito antes da hora marcada para o espectáculo já grande número de espectadores se encontravam na rua Eugénio dos

Santos. Não havia bilheteira, mas presumia-se que a entrada fosse permitida apenas aos sócios daquela agremiação e aos representantes da imprensa.

Como se previa grossa escandaleira em virtude da audácia e temeridade do trio na referida escalada, que muitos consideravam e consideram nociva aos interesses das forças do «olho vivo», o Palácio do Comércio estava vigiado pela polícia. A porta estacionavam quatro civis e na esquadra do Teatro Nacional estava um pelotão de prevenção para o que desse e viesse. Os homens da ordem quando retinem obrigam a estas medidas preventivas.

São 21 horas e a entrada para a sala de espectáculo principia a fazer-se. No átrio aglomeram-se centenas de comerciantes, industriais, financeiros, gente da primeira plana no nosso honrado comércio.

«Rendez-vous» forçado

A custo se rompe. Ninguém se quer afastar. Surgem as frases de apresentação: —Somos da imprensa... E uma voz riposta: —E nós somos da casa...

Perfurando por aquele original rochedo humano chegámos afinal à sala. Ainda ninguém tinha inquirido da nossa identidade. Estranha-se. No espectáculo anterior não era permitida a entrada de pessoas não pertencentes à casa ou à imprensa, como não era permitida a entrada de bengalões. Ontem entrava tudo...

A sala está quase repleta. A mesma gente. A «elite» do comércio está representada. Fez «rendez-vous» na Associação Comercial.

E de quando em vez pela calva luzidia deste circunstante passa uma mão delicada, quase feminina, donde se desprende um raio subtil e brilhante que irradia pela sala. E' da pedra rica de um riquíssimo anel.

São 21,30 horas. Na sala respira-se um ambiente pesado, misto de sobressalto e tranqüilidade. E' tal a aglomeração que se asfixia. E para completar a nota bizarra, em três mesas 22 jornalistas, formando uma singular bateria, estão a postos. E' o grande assunto. Dezenas de lápis, de todas as cores e marcas e milhares de laudas de papel esperam o momento de entrar em acção.

Há um ruído estranho. Pereira da Rosa entra. Acompanhada de um volumoso embrulho com livros de actas, relatórios, balancetes, etc., etc.

Várias perguntas saltam-se dos lábios de alguns circunstantes: —Para que será aquilo? —Exclama-se: —Um burro carregado de livros é um doutor...

Vem depois a ironia: —E' ele a parodiar Marang... Em Haia também foi preciso um caixote para reúnir o processo...

O primeiro número

Para as 22 horas faltam apenas vinte minutos. Para a mesa avança o sr. Carlos de Oliveira. Vai finalmente principiar o espectáculo.

Respira-se agora a custo. Aguardam-se acontecimentos. Espera-se barulho. Prevê-se a saída precipitada da sala e a intervenção da polícia que espreguia.

Então o sr. Carlos de Oliveira, que preside, declara:

—Meus senhores: não sendo possível fazer uma rigorosa fiscalização à porta é possível que na sala se encontrem indivíduos que não pertencem à casa. Logo esses cavalheiros são nossos hóspedes e como tal têm que conduzir-se.

Depois diz que na última sessão o sr. Pereira da Rosa proferiu frases que feriram algumas susceptibilidades, mas que reconhecendo *ma culpa*, está disposto a emendar a mão... como ele próprio já disse ao orador. Em seguida dá a palavra àquele *menor*.

Pereira da Rosa principia por desatar o embrulho. Grossos cordeais amarram os livros e são precisos alguns minutos para proceder-se a essa operação.

Vai representar-se o primeiro número: «resposta aos srs. César de Azevedo e Levy Marques da Costa».

Três correntes...

Na frente do acrobata duas garrafas de água das Pedras Salgadas esperam o momento de ser esvasiadas.

O primeiro equilíbrio: —Nesta assembleia estão representadas três correntes: a que conhece como foram adquiridas as acções da Sociedade Nacional de Tipografia, empresa editora do Século; a que não conhece como essa aquisição foi feita e a que ignora tudo, mas que faz obstrucionismo.

Vai provar que as acções da Sociedade Nacional de Tipografia não pertencem a um grupo de accionistas.

Diz que o Século foi comprado pela U. I. E. porque era um jornal que, não sendo bokevista, atacava as forças económicas.

Era preciso que ele se calasse e acordou-se em comprá-lo, porque a atitude desse jornal era nociva ao país... (Que lindo, não acham?)

Para provar o que diz oferece ao seu amigo Carlos de Oliveira para A. Comer-

cial, como um bouquet de flores, um caderno com alguns enxertos do Século, quando ele não era «força viva»...

Carlos de Oliveira sorri. Depois explica como foi feita a transacção para a compra do Século.

Ontem como hoje

Refere-se à sua ida para o governo civil por «defender as forças do olho vivo». E exclama:

—Nessa altura metiam-se os homens de bem no calabouço.

Uma voz:

—E hoje também...

A assistência começa a manifestar-se.

E o artista:

—O dr. Levy Marques da Costa propôs-nos—referindo-se ao trio—a compra da Pátria por 1.000 contos ao dr. Nuno Simões que nessa altura já vendia a pátria...

O dr. Levy M. da Costa muito irritado: —E' mentira! E' mentira! Convido v. ex. a prová-lo!

Há protestos e invectivas. Parece que ia começar o chifrin. Ainda não foi desta.

Agora o acrobata invoca a sua folha de serviços.

—22 anos no Século trabalhando para as «forças económicas».

O dossier que o acompanha é revolvido febrilmente.

Pereira da Rosa conta depois ao público como é que a S. N. T. comprou à Companhia Industrial e Colónias e ao Banco Continente e Lhas as 10.180 acções que lhe dão a propriedade do Século.

De quando em vez o artista incomoda as gentes da Moagem. E os protestos esturgem:

—Não é verdade.

—Peço a palavra!

—Temos muito que falar.

Uma fita do sr. Fitas...

O presidente:

—Peço a v. ex. que se não manifestem. De contrário fecho a sessão!

calando Troia. Mas ainda não foi desta.

Os assistentes ouvem depois a narração de uma fita de autoria do sr. Fitas quando da compra de O Século.

22,30 horas. A assistência começa a bocejar. As bronquites e os catarrhos anunciam-se.

O acrobata repete os números:

—As acções da S. N. T. não pertencem a U. I. E. Pertencem-me e ao sr. Carlos de Oliveira, ao sr. Moisés Amzalak e a outras pessoas. Para a sua aquisição tive que empenhar-me.

—Coitado!—exclama-se ironicamente.

São lidos pelo secretário alguns documentos do «dossier», enquanto Pereira da Rosa descansa.

A U. I. E. é pelintra...

Mais folgado o acrobata prossegue:

—O Século pertence às pessoas que têm as suas acções. A U. I. E. nunca teve vintem. Ela deve à S. N. T. 40 contos. E' a assembleia daquela sociedade que deve decidir dos destinos de O Século e não qualquer associação comercial...

Protestos e gritos:

—Peço a palavra!

—Não é assim...

E nova ataracada na Moagem sai dos lábios do artista. Carlos Reis é o mais visado:

O secretário lê outro extenso documento do embrulho. Pereira da Rosa vai bebendo água das Pedras...

Esturgem novos protestos.

Os srs. Carlos Moniz e Carlos Reis, dois carlinhos, protestam contra algumas afirmações.

E Pereira da Rosa fala ainda sobre acções e obrigações, etc., etc.

—Acções morais é que se querem!—diz-se.

O secretário lê outro documento.

E o número é repetido.

Ouve-se:

—Vigaristas!

Pereira da Rosa voltando-se para um jornalista:

—Tome lá nota que não é comigo!

Há nova leitura de um documento do dossier...

O espectáculo é sensaborão. Estava travado o combate entre o trio que dirige O Século, a Moagem e a pelintra U. I. E.

O acrobata todo ancho prossegue:

—As acções são nossas, O Século é...

Um grande susto

De repente ouve-se um enorme estampido. Na sala fez-se um silêncio. Os olhares dos assistentes convergiram para a porta da saída.

Pereira da Rosa não tugia nem mugia.

E foi o presidente empertigado na sua cadeira que alegrou as artes:

—E' a Bala Humana, ali no Coliseu, não se assustem...

O acrobata vai no penúltimo numero, do segundo acto:

—Eu sou um homem que não tenho medo. Pretenderam lançar-me uma baraca e atirar-me à parede. Mas eu não sou homem que vá assim.

Uma voz em surdina:

—Olha a Bala Humana...

O relógio da sala anuncia as 24 horas. De harmonia com a determinação policial o presidente declara que vai encerrar a sessão. Pereira da Rosa, porém, diz que tencionava apresentar ao respeitável publico 3 actos. Para completar o segundo acto ainda lhe faltava um numero. O melhor era representar esse numero e na próxima reunião exhibir-se-hia o ultimo acto —a acção.

A autoridade é que não se deu por vencida e mandou encerrar o espectáculo. Assim se fez, marcando o proximo para segunda-feira.

Recopilando: Ralham as comadres descobrem-se as verdades. Estamos em presença de uma formidável luta entre as forças do «olho vivo» representadas pelo trio, a Moagem e a falida U. I. E. E' dessa luta tiram-se grandes ensinamentos e revelam-se grandes immoralidades.

Quem triunfará? Não sabemos. Do que estamos convencidos é que o publico que paga as lavas. Devido à sua inércia, também o sabemos.

A propósito de umas referências do «Diário de Lisboa»

A propósito de umas referências do Diário de Lisboa enviou o nosso camarada Mário Castelhanho àquele jornal uma carta que não foi publicada até à presente data, motivo porque a inserimos no nosso numero de hoje.

Eis a carta:

Ex.ª Sr. Director do Diário de Lisboa: Em virtude duma noticia que me atinge, publicada no jornal de que v. ex.ª é meu digno director, de 6 do corrente, sob o titulo O Operariado, não traduzir a expressão da verdade e para que a especulação que é hábito fazer-se a tudo que se diz ou se escreve, sem se investigar a verdade, se não desenvolve, peço-lhe a publicação no jornal de hoje, do esclarecimento que segue:

A minha situação dentro da organização ferroviária tem sido muito explorada por aqueles que, ou não estão de acordo com a minha orientação, ou lhes inspire certa antipatia. No entanto, para a maioria, senão totalidade, destes últimos, já mereci todas as considerações e até mais. Adiante.

Era demitido da C. P., já há dois anos e fiz parte da Comissão Organizadora do 1.º Congresso Ferroviário, ao lado de elementos da C. P. e do Sul e Sueste. Realizou-se o Congresso, com a presença de perto de 70 delegados, represent

Teatro Maria Vitória
(PARQUE MAYER)
TELEF. N. 3641
Direção artística de ROSA MATEUS
HOJE: 2 sessões às 20,30 e 22,30
com a deslumbrante e espirituosa
revista em 2 actos e 12 quadros
TARIFA 1
FEÉRICOS SCENARIOS
BRILHANTE E ARTÍSTICO CONJUNTO
— O mais alegre e brilhante espectáculo —
da actualidade
PREÇOS POPULARES
EM ARRENTELA

Teatro da Trindade
TELEF. T. 976
Companhia LUCILIA SIMÕES-ERICO
BRAGA
HOJE — às 9 1/4 da noite — HOJE
A representação da comédia em 4
actos de George Sand, trad. de Ramalho
Ortigueira,
O Marquês de Villemer
A peça mais encantadora de todos os
tempos.
Nos principais papéis LUCILIA SIMÕES,
Amélia Pereira, Maria Sampaio, Irene
Isidro, Erico Braga, Joaquim Almeida e
Samuel Diniz.
Scenários de Campos & Oliveira e Luz
& Almeida.
BILHETES À VENDA
Venda de bilhetes sem locação, — Fautuilla
(toda a plateia) e balcões de 1.º, 2.º e 3.º.
400 e 300; Camarotes, 400, 300 e 200.

TEATRO NACIONAL
HOJE
Telef. N. 3049
COMPANHIA
BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA
A's 21 horas: — A representação
da tragi-comédia em 4 actos
e 17 quadros, de Lenormand
**O HOMEM
E OS SEUS
FANTASMAS**
Formidável trabalho de
Alves da Cunha
e
Adelina Abranches

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 3 horas — Soirée às 8,45
Grandioso sucesso da encantadora bailarina
EUGÉNIA FERNANDES
e do notável cómico português
THOMAZ VIEIRA
Despedida dos festejados artistas
LES MAROCC
Duetistas cómicos
MARTY ET RIANT
Duetistas francezes a grande voz
No «écran»: — «A CAÇADORA»
(6 partes)
Concerto pela FOZ MELODY BAND

MANCHESTER
FATOS, sobretudo e garbados, não comprem sem ver e consultar os preços por que
vende o DEPOSITO DE LANIFICIOS da Colúmbia, Colúmbia e Estrangeiro na
PRACA DOS RESTAURADORES, 13, 1.º, DIREITO
(canto, pegado ao hotel Avenida Palace)
Manda amostras ao domicilio e Provincia. — Telefone Norte 3300. — Ascensor
GABARDINES «EAGLE» — LONDON — Exotismo — Pregos únicos
IMPORTANTE — Para os menos remediados, abriu aquela casa uma secção especial
de vendas a prestações, que equivale a comprar a dinheiro.

TEATRO AVENIDA
Telef. N. 4355
Ultimas recitas do «vaudeville»
O Dr. da Mula Ruça
SEXTA FEIRA, 17
O PÉ DE SALSA

TIVOLI
Telefone N. 5474
ÀS 21 HORAS
A AGUIA NEGRA
Super-produção, tirada do romance de
POUSCHKIN, e que tem como prota-
gonista o mlogrado «Star»
Rodolfo Valentino
O inesquecível intérprete de «Os 4 Ginetes
do Apocalypso». A critica reconheceu no
papel do jovem Dubrowsky (Agua Negra)
a criação mais completa do sândico artista.
Duas Cine-Farças
Dois Documentos
Audição especial pela orquestra, sob a di-
recção do maestro Nicolino Milano.

Consequências presentes de um escândalo remoto

ARRENTELA, 7. — Encontra-se indignada a população desta localidade, por casos que nos parecem de tanta gravidade que não resistimos à tentação de o focar nas colunas de *A Batalha*.
Ouvimos narrar o seguinte:
De 1914 a 1920 foi official do registo civil nesta povoação um individuo chamado Cristino João dos Santos, operário reformado do Arsenal de Marinha. Em 1920 foi o mesmo demittido sob a accusação de não ter pôsto nos registos que fazia os selos correspondentes, defraudando assim o Estado. Mas, escudado no seu republicanismo histórico, e acceitado por certas individualidades, tudo se tapou.
Porem, como faz agora 12 anos que foram feitos, pelo official citado, os primeiros registos começa a apparecer o escândalo, pois os pais procuram tirar as certidões de idade dos filhos e os registos não apparecem do que se deprende que se fez desaparecer os termos dos registos para tapar a falta cometida. Tudo isto é espantoso, mas ainda se obriga o pai a pagar a multa de 22 escudos e a fazer um novo registo, importando tudo em 40 e tantos escudos.
Então, o pai foi registrar a criança em tempo legal, levando duas testemunhas, como obriga a lei, e lá porque o official não fez registo como devia, e o pai obrigado a pagar essa falta?
E' necessário que o caso tenha eco no Ministério da Justiça a fim de que se tomem as necessárias providências para que o povo não tenha que pagar faltas que não cometen. — C.

A eterna questão de Tacna e Arica

LONDRES, 9. — O correspondente do *Times* em Lima (Peru) comunica ao seu jornal que o governo peruano rejeitou a proposta de ceder a Bolívia do território contestado de Tacna e Arica, feita pelo árbitro americano, sr. Kellogg. — (L)

A prisão do comandante do «Lotus»

ANGORA, 9. — O governo turco aceitou a arbitragem entre a França e a Turquia, em consequência da prisão do official do navio francês «Lotus». — (L)

Os grandes temporais

OVIEDO, 9. — Em consequência dos temporais, deu-se um desprendimento de terras cerca da aldeia de Montalia, tendo ficado sete pessoas mortas. — (L)

Luta de classes

Descarregadores de Melbourne
MELBOURNE, 9. — Continua a greve dos descarregadores de mar e terra, originando o congestionamento dos portos australiano. — (L)

Sanidade pública

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, a semana finda em 4 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 12 casos de febre tifóide e 13 de variola.

CALENDARIOS

O Grupo Desportivo Armazens do Chiado teve a gentileza de nos oferecer 6 pequenos calendários para 1927. Os nossos agradecimentos.

Vingança sangrenta

No Reformatório Central de Lisboa Padre António de Oliveira, em Caxias, esteve lá tempo internado um rapaz que ali tinha o numero 74, e que tendo uma vez ali sido encontrado pelo guarda Custódio Gonçalves Meira Junior, de 36 anos, natural de Viana do Castelo e residente em Caxias, a fumar e a distribuir cigarros pelos seus condiscipulos, aquele deu parte d'ello ao director da Escola, tendo o 74 sido castigado. Ontem, á tarde, appareceu no Reformatório o ex-74 que, ao ver o Custódio, sacou de uma pistola que disparou contra este, indo a bala atingi-lo no ventre. O agressor foi immediatamente preso, ficando detido na mesma Escola. O Custódio, transportado para Lisboa, deu entrada no Hospital de S. José, onde depois de devidamente pensão no Banco recolheu à Sala de Observações. O seu estado é grave.

Colhido por um eléctrico

No Banco do Hospital de S. José, receberam curativo e seguiram depois para casa, José Maria Vidal, de 21 anos, natural de Sobral Valado, servente, morador no Beco do Monte, 4, que, na Avenida Almirante Reis, foi colhido por um carro eléctrico, ficando ferido no rosto.

Queda desastrosa

No Posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, recebeu curativo João Baptista Ramos, de 15 anos, empregado no comércio, morador no Campo de Santa Clara, 47, 3.º, que caiu na rua do Crucifixo, ficando contuso pelo corpo e ferido na cabeça.

assim me elegu, que tem esses detractores de ver com isso?

Apelando para a vossa lealdade e em virtude de terem sido injustamente apreciadas as minhas atitudes no vosso órgão, peço-vos a publicação da presente. Com toda a consideração me subscrevo, — Mário Castelhano.

O aproveitamento industrial dos dejectos de Lisboa

Pelo sr. Ferreira Lopes foi apresentado o seguinte documento, sendo aprovado por unanimidade pela Comissão Executiva da Câmara Municipal:
«Tendo em atenção o que requer a comissão organizadora da Empresa de Adubos Tejo, em formação, para a industrialização dos dejectos da cidade de Lisboa e sendo de toda a vantagem dar todo o apoio a esta louvável iniciativa, nos termos das disposições do Código Administrativo, manda esta Câmara abrir concurso, pelo prazo de 30 dias a contar da data da publicação, nas seguintes condições:
1.º. A concessão é para o aproveitamento e industrialização dos dejectos contidos na canalização geral e fossas da cidade.
2.º. O prazo é pelo período de 30 anos, successivamente renovavel, enquanto convier a ambas as partes.
3.º. As propostas serão apresentadas em carta fechada e deverão satisfazer os seguintes requisitos:
4.º. O capital da empresa exploradora desta industria não poderá ser inferior a 1.500 contos;
5.º. Possuir uma instalação apropriada na margem esquerda do Tejo, com as melhores condições para um grande desenvolvimento desta industria, tendo preferência se possuir na instalação força hídrica;
6.º. Possuir a abundância de lamas do Tejo, como indispensável suporte para a pretendida industrialização;
7.º. Apresentar a planta das instalações;
8.º. Apresentar um relatório técnico, assinado por um engenheiro químico, por onde se possam apreciar completamente as bases para o pretendido aproveitamento e por onde se deduz a capacidade administrativa e económica da empresa;
9.º. Garantir o interesse que possa convir ao Município, susceptível do aumento ou melhoria;
10.º. A obrigação de se dedicar exclusivamente á industria de adubos e seus derivados;
11.º. Indicar os pontos da cidade onde principalmente se pretende fazer a captação das matérias fecas;
12.º. A instalação da fabrica deverá estar a distancia não inferior a 1 quilómetro de qualquer povoação;
13.º. O proponente deverá mencionar na sua proposta as vantagens que oferece á Câmara, assim como as garantias que as tornam effectivas;
14.º. A Câmara terá o direito de fiscalização;
15.º. A comissão administrativa reserva-se o direito de adjudicar ou não, conforme o seu criterio para a melhor defesa dos interesses municipaes».

Sem casa e sem dinheiro

Maria da Conceição era porteira do prédio n.º 24 da Avenida Marquês de Tomar. O senhorio, João Salvador, é um cavalheiro que abusa cobardemente da sua situação privilegiada.
Entendeu que não devia pagar a quem o serve e resolveu pôr na rua a referida porteira, ficando-lhe a dever cerca de 400. escudos de honorários.
Aproveitando-se da ausência de Maria da Conceição arrombou-lhe a porta e poz-lhe os trastes na rua.
Maria da Conceição ficou sem casa e sem dinheiro porque com uma e outra coisa lhe ficou o senhorio e patrão.
E' uma infâmia revoltante que merece a repulsa de toda a gente de bem.

Ainda o desastre de Alhos Vedros

A firma Pinto & Gamero no Tribunal de Desastres de Trabalho
Realizaram-se ontem no Tribunal de Desastres de Trabalho as seguintes tentativas de conciliação entre a firma Pinto & Gamero, Companhia de Seguros «Lex» e os sinistrados, vítimas do ultimo desmoronamento do telhado da fabrica de cortiça de Alhos Vedros: Francisco Frederico, Anibal Osorio da Silva, Augusto da Fonseca Moraes, Madalena Filipa, Elvira da Conceição, Rosa Luisa, João da Silva Techu, Francisco Perez, Carlota Palmolho que reclamam a indemnização de 23 de seus salarios durante os dias que estiveram impossibilitados, para o trabalho, medico e medicamentos. A Companhia seguradora e os patrones não acordaram porque os nomes destes operários não estavam seguros na «Lex», informando os patrones que os tinham segurado por alcunhas, porque assim é que são conhecidos na fabrica.

Os serviços das vistorias a cargo da 4.ª Repartição municipal

Pelo sr. Sousa Dias foi apresentada ontem na Câmara a seguinte proposta que foi aprovada por unanimidade:
«Constatando-se que se torna necessário que os serviços das vistorias, a cargo da 4.ª Repartição, sejam feitos de longa, incompartíveis e de carácter urgente de muitas delias, e que com o reduzido nucleo de técnicos actualmente existentes nessa Repartição se torna impossivel regular e organizar devidamente; Propõe-se que seja convidada a Associação dos Construtores Civis a delegar em 4 dos seus associados a missão de, com os técnicos dessa 4.ª Repartição, formar os grupos de vistoriantes que, por agora, são estritamente necessários para esse serviço.
Mais propõe-se que a esses delegados seja fixada a gratificação de 45\$00 por cada vistoria em que eles façam parte».

TEATRO VARIEDADES
TODAS AS NOITES DUAS SESSOES
às 20,30 e 22,30
COM A COMÉDIA PORTUGUESA
O PINTO CALÇADO

Os melhoramentos na cidade

Prolongamento da Avenida Almirante Reis

O sr. Mardel Ferreira apresentou a seguinte proposta, que foi aprovada por unanimidade pela comissão administrativa da Câmara:
«Propenho que no terreno a apropriar no antigo Coliseu da Rua da Palma por effeito da continuação da Avenida Almirante Reis, seja instalado o Quartel do Corpo de Bombeiros n.º 3, em substituição do que se encontra instalado na rua do Saco com este numero que está em péssimas condições».

Alargamento da rua dos Bacalhoeiros

Pelo sr. Quirino da Fonseca foi apresentada a seguinte proposta que foi aprovada por unanimidade:
«Considerando que os edificios municipaes, conhecidos pelo Terreiro das Fariñas, sitos entre a rua da Alameda e rua dos Bacalhoeiros se encontram muito arruinados, não havendo conveniência em os reconstruir, e dando um insignificante rendimento á Câmara, proponho:
«Que se organize o processo da sua desocupação gradual a fim de serem demolidos, melhorando-se assim o trânsito naquelas importantes artérias».

Desocupação dum terreno municipal no Cais do Sodré

Ainda o sr. Quirino da Fonseca apresentou a seguinte proposta:
«Considerando que na minha proposta de 21 de Outubro ultimo, que dizia respeito a ser intimada a firma António Filipe Ribeiro & Comp.ª a desocupar um terreno municipal no Cais do Sodré, supuz por equívoco de cópia que o respectivo contrato indicava o prazo de 30 dias para essa desocupação, quando o terreno fosse necessário para os serviços municipaes, ampliando-se até ao dobro esse prazo como parecia razoável, mas verificando-se que o prazo fixado no respectivo contrato era de 90 dias, proponho, a duplicação desse prazo em conformidade com o que fora permitido».

Limpeza e pintura de prédios

Pelo sr. Mardel Ferreira foi apresentada a proposta seguinte que foi unanimemente aprovada pela Comissão Executiva da Câmara:
«A fim de evitar dúvidas sobre as disposições da Postura Municipal, aprovada em sessão de 28 de Outubro de 1926, publicada por edital de 5 de Novembro do mesmo anno, proponho que ao art.º 4.º da citada postura seja adicionado o seguinte:
§ único. (Transitório). Quanto aos prédios que não foram pintados ou calados até setembro respectivamente de 1925 e 1926, como lhes compete pelo disposto no art.º 9.º no n.º 2.º e 3.º da postura de 10 de Agosto de 1923, ficam os seus proprietários sujeitos a todas as disposições estabelecidas na referida postura».

Não tendo os donos das propriedades abaixo mencionadas feito as pinturas das suas propriedades como eram obrigados pelo artigo 10.º da postura de 10 de Agosto de 1923, vão ser autuados, nos termos do artigo 10 da mesma postura e intimados a mandar proceder ás indispensáveis limpezas e benéficas no prazo máximo de 15 dias.

Na Calçada de Gálvao: Letra C, (Vila Nova); Letra B (Vila Nova); n.ºs 15, 17, 19, 21, 23, 25 e 27, 29, 31, 33, 35, 37, 45, 46, 47, 55, 61, 101 e 103, 105 a 111. No Largo do Gálvao: números 1 e 3, 4, 9, 13, 20. Na rua do Gálvao: números 0 a 8, 20, 25, 27 e 29, e 28. Na rua dos Jerónimos: números 7 e 8, 30 e 31, 33, 35 e 37, 44, 45, 46, 47, 55, 56, 57 e 58, 87 e 88, 93, 95, 97, 99, 101, 103, 105 e 107. Na rua da Correnteza: números 1, 2, 9 a 15, 17, 22, 28 e 30, 34 e 36, 46 e 48. No Largo dos Domingos Tendeiro: números 2, 12 e 14. Na rua Domingos Tendeiro: números 16 e 20, 42 a 46, sem numero (Damaia). Na Travessa da Silva: números 1 e 3, 5, 8. Na rua de Santo António, em Belém: números 19, 21 e 23, 25 e 27 e 30 e 36. Na Calçada da Memória: números 2 e 4, 25. Na rua de João Castilho: números 3, 13, 17. Na rua das Santas: sem numero em frente do n.º 8 (Barraca), números 10 e 12. Na Travessa de Santo António, em Belém: números 1, 28. No Beco Domingos Tendeiro: números 4, 7 a 19. Na rua das Pedreiras: sem numero (duas barracas e um muro de 15 metros) e ainda um outro muro de 40 metros. Na rua de Figueiredo: números 6 e 8. No Largo do Figueiredo: números 18 e 19. Na Travessa Domingos Tendeiro: números 3 e 5.

Incêndio num palácio real

BUCAREST, 9. — Um violentissimo incêndio originado nas cozinhas do palácio real destruiu por completo a sala do trono e os salões de recepção do magestoso edificio.
Os soberanos e toda a familia reinante retiraram-se para o palácio de Cărcoarea a 6 quilómetros de Bucarest.
Os membros do governo e o principe Nicolau assistiram a todos os trabalhos dos bombeiros.
A sala do trono e os salões encerravam verdadeiras obras de arte. — L.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Aurora Independente. — Reúne-se depois de amanhã a assembleia, pelas 12 horas.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Agremiações várias

Grupo musical «Os Bichinhos» — O grupo musical «Os Bichinhos» foi organizado com o fim de prestar solidariedade ás classes operárias.
Mais tarde entraram para o mesmo grupo individuos de ideias retrógradas que pretendiam que o mesmo grupo seguisse caminho diferente daquele para que foi criado, com o que se opuseram alguns sócios.
Ultimamente os retrógrados pretendiam impor um regulamento veemente ao grupo, mas os sócios de ideias democráticas não aceitaram como bem tal vexame, resolvendo fuzionarem-se com o grupo musical dos Manipuladores de Pão.
O mestre do grupo «Os Bichinhos» sr. Mateus Moleças que sempre pugnou pela solidariedade aos oprimidos, continua ao lado dos afastados como mestre do grupo divisionista que fica com o mesmo nome «Grupo Os Bichinhos».
A sua nova sede, de hoje em diante, é no sindicato dos Manipuladores de Pão, para onde deve ser dirigida toda a correspondência, Calçada Castelo Branco Sarriava, 42-1.º.
Vendedores ambulantes. — Convidamos a reunir esta classe muito especialmente a secção dos localizados, a fim de se apreciar as metamorfoses que incidem sobre as vendas ambulantes.
Centro Democrático do Campo de Ourique. — Reúne-se a assembleia geral no próximo dia 18 do corrente, para eleição dos novos corpos gerentes.

OS QUE MORREM

D. Eugénia de Figueiredo
Após prolongado e doloroso sofrimento faleceu ontem a sr.ª D. Eugénia de Figueiredo, mãe do nosso camarada Jorge de Figueiredo, operário polido de moveis e militante da organização sindical da industria do mobiliário.
O funeral da desditosa senhora realiza-se hoje, ás 15,30 horas, da rua de Santa Cruz do Castelo, 9, 1.º, para o cemitério Oriental.
Jorge de Figueiredo, na impossibilidade de pôr outra forma o fazer, convida por este meio os seus amigos e camaradas a incorporarem-se no funeral.
Maria da Conceição
Para o cemitério Ocidental realiza-se hoje, pelas 14,30 horas, o funeral de D. Maria da Conceição, companheira de Rafael dos Santos, pelidior. Sai o préstito fúnebre do Rego, sendo convidados todos os amigos e pessoas das relações da falecida a acompanhá-lo.

A conferência económica internacional

GENEVA, 9. — O conselho executivo da Sociedade das Nações, na sua sessão secreta de ontem, deliberou que a conferência económica internacional se realize em Genebra, e não em Amsterdão, em virtude das dificuldades técnicas que foram apresentadas pela secretaria geral da Sociedade.
O antigo primeiro ministro belga, sr. Theunis, foi nomeado presidente da conferência. — L.

Na Universidade de Berlim

BERLIM, 9. — O professor português Sousa Costa, da Universidade de Coimbra, foi convidado a fazer varias palestras na Universidade de Berlim no ultimo periodo do inverno. — L.

A guerra civil na China

XANGAI, 9. — Segundo noticias recebidas nesta cidade estão travados grandes combates em Tung-Kuo, na provincia de Xangai, tendo sido as tropas de Wu-Pei-Fu obrigadas a retirar.
O marechal Tchang-Tso-Lin continua a avançar com as suas forças para o norte, expulsando as tropas do sr. Hoang-Li.

TEATROS

«O Homem e os seus fantasmas»
Tem sido um acontecimento de arte a representação da peça «O Homem e os seus fantasmas» no Teatro Nacional. Marcou pela interpretação e pelos scenários. Os nomes dos actores, á cabeça dos quais se encontram Adelina Abranches, Berta de Bivar, Olívia Brochado, Maria Isabel, Alves da Cunha, Carlos de Oliveira e Ribeiro Lopes e o de Leitão de Barros, hoje considerado o melhor artista na montagem de peças modernas, são conhecidos e apreciados pelo publico que todas as noites enche o Nacional. O papel que Alves da Cunha está desempenhando entre nós, foi criado pelo grande actor e ensaiador parisiense Gémier.
A sua nova revista «Tarifa 1»
Voltaram as noites de entusiasmo e de alegria ao Maria Vitória. O publico, acode, todas as noites, ao popular teatrinho do Parque Mayer, as suas duas sessões e todo elle se diverte e ri, com os dois actos da nova revista «Tarifa 1». E' magnifico o grupo brilhante de artistas, que actuam neste teatro: Carlos Leal, soberbo de espirito no «compère»; Julieta Soares nos números galantes; Zulmira Miranda nos seus primorosos fados e canções; Tereza Gomes nos seus hilariantes tipos cómicos; Alberto Ghira, Alvaro de Almeida e Santos Carvalho nas suas rúbias de beio effeito, secundados por todos os demais artistas da companhia.
«O Pinto Calçado»
Obteve um êxito ruidoso, no Variedades, ontem, nas duas sessões, a célebre farça, do repertório de Maria Matos e Silvestre Alegria, «O Pinto Calçado», que hoje se repete, a preços populares — os mais baratos de Lisboa — com o teatro provido de um excelente esquadro moderno, com entrada livre no Parque Mayer, ao publico e automóveis, terminando as sessões, matematicamente, ás 10,30 e 12,30 horas, respectivamente, a primeira e a segunda.
O êxito de «O Marquês de Villemer»
Toda a imprensa, nas suas criticas á peça «O Marquês de Villemer», que acaba de dar um novo êxito á notabilissima companhia Lucilia Simões-Erico Braga, foi unanime em considerar acertadissima esta reposição, que ficará memorável pelo que representa de benefício para o nosso teatro. Lucilia Simões e Erico Braga arrebatam o publico com a grandiosidade que imprimem ás suas personagens, conquistando o segundo, no «Marquês de Villemer», as suas esporas de ouro, dando-nos um trabalho estupefacente de verdade.
Hoje, novamente, «O Pão de Ló»
Tendo adoecido, um dos interpretes, no Avenida, do «vaudeville», «O Dr. da Mula Ruça», a empresa Satanela-Amarante deliberou fazer voltar ao cartaz, para uma curta série de recitas, o imortal «vaudeville», «O Pão de Ló».
Na próxima sexta-feira, 17, primeira peça nova da companhia Satanela-Amarante, «O Pé de Salsa», «vaudeville» em 3 actos, adaptação de Felix Bermudes, João Bastos e André Brun.

Eugénia Fernandes e Tomás Vieira

A notabilissima bailarina espanhola Eugénia Fernandes, que ontem se estreou no Teatro Salão Foz, obteve um extraordinário triunfo artistico, não só pela sua formosura, como pelo esplendido repertório de bailados classicos e cómicos, «charlestons», etc.
O popularissimo actor cómico Tomás Vieira é todas as tardes e todas as noites aplaudidissimo nas suas engraçadas canções, sendo sempre obrigado a exceder o seu programa.
Esta noite despedem-se dois magníficos duetos: «Les Marrocs», artistas cómico-serios, e Marty et Riant, cantores a grande voz.
Continua em pleno successo a orquestra de jazz «Foz Melody Band», e os especiaes abrem com o célebre «Film» em 6 partes «A caçadora», por Collon Moore, a vencedora do concurso promovido pelos empresarios com base no maior rendimento do trabalho das «estrelas» da arte muda.
O «Cabaz de Morango», gloriosa revista que vai esta semana dar as ultimas representações no Eden Teatro, continua em successo. Quem quiser ver esta revista apressa-se pois que já hoje é sexta-feira.
Continua a chamar ao velho teatro Apolo uma grande affluência a opereta «Mourarias», desde já garantimos a sua estadia por muito tempo no cartaz.
Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro continuam a receber do publico que todas as noites enche o Ginásio, os seus quentes applausos. Já são as ultimas representações da linda comédia a «Petiza do Gato», o publico não se cansa de aplaudir aqueles dois artistas, assim como o resto da sua companhia.
Continua em pleno successo o «Príncipe Orloff», uma das operetas dos ultimos tempos mais aplaudida. A música, o entreccho e os bailados, são a segura garantia do seu successo, não necessitando reclame, para que o publico encha todas as noites o teatro de São Luís.
E' hoje definitivamente que no teatro de São Carlos se realiza a inauguração da temporada lirica, annunciada para ontem, e que teve de ser adiada em virtude de não ter chegado a tempo para tomar parte na recita inaugural, o grande barítono Carlo Tagliabne, que deve cantar na «Aida» a parte de «Amonasso». Este forçado adiamento é mais uma demonstração de quanto se empenha a empresa de São Carlos por que tenha na presente temporada seja levado ao máximo de perfeição.
«Aida» vai hoje a scena com uma

Caixa de Reformas dos Operários do Município

Na sessão ordinária da Comissão Executiva da Câmara Municipal que ontem se reuniu foi pelo sr. Ferreira Lopes apresentada a proposta seguinte que foi aprovada por unanimidade:
«Considerando que a Caixa de Socorros e Reformas dos Operários e Jornaleros Municipaes obedecendo ao fim altruista que determinam a sua criação, está facultando que os seus associados se forneçam a crédito de artigos de vestuários e outros, sob a responsabilidade da mesma Caixa, em estabelecimentos cujos proprietários a tal se deem propostos;
Considerando, porém, que esta espécie de operações é muitas vezes adulterada por aqueles associados que, precisando de recursos monetários, são forçados a fazer acordos ruinosos com os estabelecimentos fornecedores desses artigos;
Considerando, finalmente, que sendo a Caixa de Socorros e Reformas dos Operários e Jornaleros do Município uma instituição criada sob os auspícios da Câmara, o seu regulamento teve a sanção da mesma Câmara, como devem ter quaisquer operações que a sua direcção se proponha realizar e não constem do dito regulamento;
Propõe-se que a Direcção da Caixa de Socorros e Reformas dos Operários e Jornaleros do Município fique autorizada a fazer empréstimos de dinheiro aos seus associados, em substituição do fornecimento a crédito de artigos de vestuário e outros».

Avelar Ruas na rua...

O engenheiro sr. Avelar Ruas rescindiu o seu contrato, visto ter declarado ao sr. ministro das Colónias não desjar voltar a exercer o cargo de director dos caminhos de ferro de Lourenço Marques.

RENDIMENTOS DOS OPERARIOS

Recebeu curativo no banco do Hospital de S. José, José Fernandes, de 31 anos, natural de Pamphiloza da Serra, trabalhador, residente no Casal Ventoso, vila Pereira, 6, e que, a bordo de uma fragata fundeada na doca de Alcântara, foi colhido por um balde de carvão, ficando ferido na mão direita. No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, foram pensados António da Silva, de 23 anos, servente da Casa da Moeda, residente na travessa do Terreirinho, 10, 1.º, que, nas oficinas daquela casa foi colhido por um ferro ficando ferido nas mãos.

Arquivo da Faculdade de Medicina do Porto

O sr. Carlos Babo, chefe da 2.ª repartição da Direcção Geral de Belas Artes, foi encarregado, sem prejuizo dos seus vencimentos, mas sem qualquer remuneração, de organizar o arquivo da Faculdade de Medicina do Porto.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Alondra» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira e por via Funchal para a Africa Austral, Cap-Town, Elisabeth (ville) e Africa Oriental.
Da estação Central dos Correios a última tiragem de correspondência ordinaria faz-se ás 13 horas, fechando os registos ás 11 horas.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

PLANTAS, livro util ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Editado á administração de *A Batalha*.

distribuição em que se destacam, além de Tagliabne, os nomes insignes de artistas como Geannina Lombardi, o soprano dramático de mais culminante celebridade no presente momento, o eminente tenor Ettore Bergamaschi, o meio soprano Antonietta Teini, o baixo Trigai e outros.
Amanhã é a segunda recita extraordinária, cantando-se a «Madame Butterfly», com a célebre japonesa Isang Tapales na protagonista, o tenor Genaro Barra, o barítono Marino Emiliani e o meio soprano Ginevra Amato nos outros principais papeis.
— Cada dia se acentua mais o enorme successo da grandiosa e surpreendente atracção «A Bala Humana», o mais audacioso e mais extraordinário numero de circo que tem apparecido no mundo, e que tem levado ao Coliseu dos Recreios successivas e enormes enchentes. O arriscadissimo e sensacional trabalho, que consiste na projecção de um homem pelo tiro de um canhão monstro a grande altura, descrevendo de sampedro no espaço uma trajectória de dezenas e dezenas de metros, provoca uma profunda impressão em todo o publico, sendo Hugo Zucchini, o seu audacioso autor todas as noites ovacionado com delirio.

MARCO POSTAL

Coimbra.—A. Lopes de Araújo.—Recebemos 13500. Assinatura paga até 31 de março, p. f. Enviámos recibo para Moratuga por indicação do correio, o qual pode ser devolvido.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95500	
Madrid, cheque	2509	
Paris, cheque	578.5	
Suíça, cheque	5578.5	
Bruxelas, cheque	2874	
New-York, cheque	19360	
Amsterdã, cheque	7584	
Itália, cheque	586	
Brasil, cheque	2535	
Praga, cheque	558.5	
Stúcia, cheque	5524	
Austria, cheque	2577	
Berlim, cheque	4567	

TEATROS

São Carlos.—A's 21.—Aida. Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas. São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff. Ginásio.—A's 21.—A Petisa do Gato. Trindade.—A's 21.—O Marquês de Villemor. Avenida.—A's 21.—O Pão de Ló. Politeama.—A's 21.—O idílio num 5.º andar. Apolo.—A's 20,30 e 22,30.—A Mouraria. Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morangos. Maria Vitória.—A's 2,30 e 22,30.—Tarifa I. Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—O Pinto Calçado. Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo. Salão Foz.—A's 15 e às 20,30.—Variedades. Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—A's 21.—e soíres.—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terraces.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condor.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alívio (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa.—(Mouraria).—Cine Esperança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatógrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98 TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões.—Dr. Armando Nogueira.—A's 5 horas. Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Viçar.—4 horas. Kine, viciunária.—Dr. Miguel Magalhães.—10 horas. Fiebre e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo.—11 e 15 horas. Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff.—9 horas. Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Mattos.—2 horas. Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Maria Oliveira.—12 horas. Estomago e intestinos.—Dr. Mendes Belo.—5 horas. Doenças das mulheres.—Dr. Emilio Paiva.—2 horas. Doenças das crianças.—Dr. Filipe Manso.—12 horas. Tratamento de diabete.—Dr. Ernesto Romão.—3 horas. Boca e dentes.—Dr. Armando Lima.—10 horas. Caneira e rádio.—Dr. Cabral de Melo.—4 horas. Raio X.—Dr. Alen Salganea.—4 horas. Análises.—Dr. Gabriela Beato.—10 horas.

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo..... \$50 Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforgne..... \$50 O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha..... \$50 Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva..... \$150 Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar..... \$100 A Humanidade, por Taraf Javol..... \$150 O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin..... \$200 Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchofer..... \$200 Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série..... \$250 O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva..... \$250 Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas..... \$300 A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia..... \$350 A Filologia perante a História, por Nobre França..... \$500

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora..... \$300 Sapatos em verniz..... \$300 Botas pretas (grande salto)..... \$450 Botas brancas (salto)..... \$200 Grande salto de botas pretas..... \$300 Botas de couro para homem..... \$450 Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a Social Operária e Sapataria da Capital, 18-20, com filial na mesma rua, n.º 18.

FABRICA

GOARMON & C.ª Travessa do Corpo Santo, 17 a 19 — TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º Telefone N. 4663

Acabam de chegar muitos padrões de bone fazendas de la para venda directa das fabricas ao publico, que vendemos por baixos preços. Estampas e casimiras desde Esc. 1800 o metro. Grande variedade de principia fabricas de la, e um escolhido sortido de fazendas estrangeiras que vendemos por preços sem competencia. Há feitos e fazem-se por medida, sobretudo para homens e crianças desde Esc. 1800. Casacos de senhora desde Esc. 1200. Tem alfaiataria para a sua enorme clientela.

Executam-se fatos em 24 horas

Manda amostras para a provincia e em Lisboa ao domicilio

Lojaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Premios maiores .. 4.000.000\$00 1.200.000\$00

Bilhetes a 1.100\$00 e quadragésimos a 27\$50, cautelas a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

Campião & C.ª

116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o titulo do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo generico de Novela Social, encontrando-se á venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

Suplemento Semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já á venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável indice dos variados e variados assumptos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e indice) 20\$00.

Capas e indice em separado, 15\$11

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, á administração de A Batalha.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

Biblioteca de Instrução Profissional

Mecânica

Torno e Frazador mecânicos..... \$5\$00 Desenho das máquinas..... 25\$00 Material agrícola..... 15\$00 Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor..... 13\$00 Problemas de máquinas..... 16\$00

NÃO COMPREM LIMAS OU GRÓZAS

a Empresa de Limas União Tomás Feteira, Lda Sede em VIEIRA DE LEIRIA EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa Travessa do Fala S6, 9-B TELEF. N. 3415

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00. Pedidos á administração de A Batalha. A revolução Social e o Sindicalismo Por Arkonof. Preço 1\$50.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-malthusianas..... \$50 O sentido em que somos anarquistas..... \$30 A peste religiosa..... \$40 A Liberdade..... \$50 A Internacional (música e letra)..... \$30 Pedidos á A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 82

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo por Campos Lima, 3500. Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500. No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500. A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha. Depósito: "Livraria Renascença", rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

História Universal do Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista» Esta publicação em lingua espanhola que se encontra á venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização. Cada fascículo de 48 páginas, 1000 pelo correio, registado, 1850.

Estão publicados os seguintes fascículos: 1.ª—Da era da escravidão; 2.ª—La rebelião de Esparta; 3.ª—Abolição da escravidão; 4.ª—Abjección e Servidão; 5.ª—La revolução de los siervos; 6.ª—La miseria de los agricultores; 7.ª—Transformacion del Poder Feudal; 8.ª—El comunismo cristiano; 9.ª—Los miserables en la Edad Media; 10.ª—La libertad ilusoria; 11.ª—La agonia del absolutismo; 12.ª—El trabajo motor universal; 13.ª—El imperio de la guilhotina; 14.ª—Las ideas sociales y la revolucion francesa; 15.ª—Los primeros tiempos del salariado; 16.ª—Hospitales, cárceles y asilos; 17.ª—Las crueldades de la burguesia republicana; 18.ª—Los héroes de la Comuna; 19.ª—Horribles matanzas de Comunistas; 20.ª—La Republica Española y la classe obrera; 21.ª—La Primeira Internacional; 22.ª—El socialismo ante el Parlamento español; 23.ª—El futuro obrerista profetizado por Castelar; 24.ª—Pi y Morgall confunde a los enemigos del socialismo; 25.ª—Los precursores del Proletariado moderno; 26.ª—Crueldades burguesas; 27.ª—Los mártires de Chicago; 28.ª—Muerte heroica de cinco proletarios.

FATOS

A 220\$00 feitos por medida em boas caseiras. Recebem-se fatos a feito e forros por 120\$00.—ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulado El drama de un amor vulgar, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos á administração de A Batalha.

MALETAS DE CABEDAL

em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabricante.

— EM —

A ORIGINAL

RUA DA PALMA, 266-A

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho.—Amazônia.....	16\$00	Jorge Teixeira.—Gatunos de Luva Branca.—A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50
Alexandre Hercolano.....		Julio Quintinha.....	
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00	Visinhos do Mar.....	8\$00
Cartas (2 volumes).....	18\$00	Cavalgada do Sonho.....	8\$00
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols).....	27\$00	Terras de Fogo.....	8\$00
Adolfo Lima.....		Dor vitoriosa (novela).....	\$25
Contrato do Trabalho.....	10\$00	Lisant.—Iniciação matemática.....	5\$00
Educação e ensino.....	5\$00	Matvei.—Ciência e Religião.....	10\$00
O ensino da história.....	1\$50	Mário Domingues.—Hugo, o pintor (novela).....	\$25
Aquino Ribeiro.....		Anastácio José (idem).....	\$25
Anatole Franco.....	3\$00	Manuel Ribeiro.....	
Estrada de São Tiago.....	10\$00	Poder redentor (novela).....	\$25
Jardim dos Tormentos.....	10\$00	Mirbeau.—O Jardim dos Suplícios.....	4\$00
Via Sinuosa.....	10\$00	Nogueira de Brito.....	
As Filhas da Babilônia.....	10\$00	1.—Memorias de Angela Pinto Sanguis Fidalgo (novela).....	15\$00
Terras do Demo.....	10\$00	Não, diz a Lei (novela).....	\$25
Augusto Machado.—Impossível redenção (novela).....	\$25	Pargame.—Origem da vida.....	8\$00
Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Fados).....	10\$00	Oliveira Martins.....	
Bento Faria.—Missas novas (teatro em verso).....	2\$00	Helensismo e a Civilização Cristã, História da Civilização ibérica.....	15\$00
Binet-Sanglé.—A loucura de Jesus.....	4\$00	História da República Romana (2 volumes).....	30\$00
Buckner.—O homem segundo a ciência.....	12\$00	História de Portugal (2 vols).....	30\$00
Charles Darwin.—Origem das espécies.....	14\$00	Raças Humanas (2 vols).....	30\$00
Campos Lima.....		O Brasil e as Colônias Portuguesas.....	15\$00
O Estado e a evolução do Direito.....	12\$00	Cartas Peninsulares.....	15\$00
O Amor e a Vida.....	5\$00	Sistema dos mitos e ficções religiosas.....	15\$00
Ceia dos Pobres.....	2\$00	Orlando Marçal.....	
A Revolução em Portugal.....	6\$00	Águas claras.....	6\$00
Cristiano Lima.—A escola de Nun'Alvares (novela).....	\$25	Imagens de Sonho.....	1\$00
Deuto Lopes.—Frei Sangué.....	5\$00	Raul Brandão.....	
Eça de Queiroz.....		Os Pescadores.....	10\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	O Teatro.....	8\$00
O primo Basílio.....	15\$00	Spencer.—Da Educação (br. \$500) (novela).....	8\$50
O Mandarim.....	8\$00	Sobral de Campos.—Dois tiros (novela).....	\$25
Os Maias (2 vols).....	28\$00	Tolstoi.—A sonata de Kreutzer.....	4\$00
A Reliquia.....	15\$00	Ana Karenine (3 vols).....	15\$00
A Cidade e as Serras.....	12\$00	Toulouse.—Como se deve educar o espirito.....	4\$00
Frade Mendes.....	9\$00	Wenceslau de Moraes.....	
Casa Ramires.....	15\$00	Dai-Nippon.....	12\$50
Prosa Bárbara.....	10\$00	Victor Hugo.....	
Ecce de Paris.....	9\$00	França e Belgica.....	10\$00
Cartas Familiares.....	9\$00	O Reno (2 vols).....	15\$00
Cartas de Inglaterra.....	9\$00	Os Miseráveis (2 grossos vols) ilustrados, encadernados.....	40\$00
Minas de Salomão.....	9\$00	Zola.....	
Notas Contemporâneas.....	15\$00	A Taberna.....	12\$00
Ultimas páginas.....	15\$00	Tereza Raquin.....	5\$00
Contos.....	15\$00	Alegria de viver (2 vols).....	8\$00
Ernesto Haackel.....		A conquista de Plassans, (2 vols).....	8\$00
História da Criação.....	20\$00	Fecundidade.....	20\$00
Origem do Homem.....	5\$00	A fortuna dos Rougous, (2 vols).....	8\$00
Os enigmas do Universo.....	14\$00	Uma página de amor.....	8\$00
Monismo.....	4\$00	Dr. Pascal.....	8\$00
Religião e evolução.....	6\$00	FOLHETOS.....	
As maravilhas da vida.....	14\$00	Eisen Reclus.—Anarquia e a Igreja.....	1\$00
Faguet.—Iniciação filosófica.....	5\$00	A Evolução legal e a anarquia.....	\$30
Iniciação literária.....	10\$00	Gonçalves Correia.—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	\$50
Faria de Vasconcelos.....		José Prata.—A burguesia e o proletariado.....	\$50
Problemas escolares.....	5\$00	A necessidade da Associação.....	\$50
Por terras de além mar.....	5\$00	Content.—Contra o confusãoismo.....	\$30
Ferreira de Castro.....		Alfredo Neves Dias.—Razão (poema social).....	\$50
Sangue Negro.....	2\$50	Ernesto da Silva.—Teatro livre e Arte Social.....	\$30
Sentidos de Lirismo e de Amor.....	8\$00	Landauer.—Social Democracia.....	\$30
A Peregrina do Mundo Novo.....	6\$00	R. Mela.—O principio do fim.....	\$30
F. Castro e E. Frias.—A Boca da Esfinge.....	8\$00	*** A maçonaria e o proletariado.....	\$30
Flammarion.....		J. Most.—Peste religiosa.....	\$50
Iniciação astronómica.....	5\$00	João P. do Rio.....	
Como se lutar.....	5\$00	Definições sociais.....	\$50
Como se trabalhar o mundo?.....	7\$00	Horas anarquicas (versos).....	\$50
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00	Trovas da Noite.....	1\$00
Felix Le Dantec.—As influências ancestrais.....	10\$00	Roberto, o pescador.....	1\$00
Fialho de Almeida.....		Memórias do Parque de São João do Forte.....	1\$00
Lisboa Galante.....	10\$00	*** Carnet de Pensamento.....	\$20
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00	Bakunine.—O sentido em que os anarquistas.....	\$30
Figuras de destaque.....	9\$00	Chueca.—Como não ser anarquista.....	\$50
Actores e Autores.....	9\$00	Lazare.—A Liberdade.....	\$50
Contos.....	9\$00	B. Etrivant.—A minha defesa.....	\$50
A Esquina.....	9\$00	J. Kropotkin.....	
Avas Migradoras.....	9\$00	Os bastidores da guerra.....	\$30
Barbas, Pentar.....	9\$00	Moral anarquista.....	\$50
Cidade do Vício.....	9\$00	O espirito revolucionário.....	\$50
Os Vagabundos.....	4\$00	O estado e o seu papel histórico.....	1\$50
Na Prisão.....	2\$50	J. Guedes.—Lei dos Salários.....	\$50
Espectros.....	4\$00	Briand.—A greve geral.....	\$50
Casa de bonecas.....	5\$00	Roland.—Russia Nova.....	\$50
Jacquinet.—História Universal, 2 v.....	10\$00	*** O sindicalismo e os intelectuais.....	\$50
Jaime Cortezão.—Adão e Eva (teatro).....	5\$00	D. Carvalho.—A gestão sindical no período revolucionário.....	\$50
José Benedy.—A ciência redentora (novela).....	\$25	A. Hamon.—A crise do socialismo.....	\$50
Jesus Peixoto.—O mestre geral (novela).....	\$25	J. Santos.—A transformação da sociedade.....	\$50

Quanto a mim... espero que ambas me aprovelem... estou resolvido a viver só do meu oficio, como até hoje. O estabelecimento, perfeitamente afreguesado, que o sr. Gervásio me vai ceder por trinta mil libras, rende, termo médio, cinco a seis mil libras. O ganho da minha forja permitirá que vivamos com certa abundância, e que em poucos anos eu tenha pago ao sr. Gervásio toda a minha dívida.

—Mas, meu caro João, o dote de minha filha monta a cento e vinte mil libras em bons escudos de ouro, e isto não contando com a minha fortuna pessoal...

—Permita-me que a interrompa, minha querida sogra! atalhou João, sorrindo. A sua fortuna pessoal pertence-lhe, e o dote de Carlota é dela e só dela. Disponham disso como bem entenderem... por exemplo, em actos de beneficência; eu só dejeio provar-lhes que basta o meu trabalho para sustentar a nossa família, sem precisão de mais recursos.

—Eu sempre fiz justiça á sua delicadeza de sentimentos, meu caro João! disse a sr.ª Desmarais.

—Muito lho agradeço, minha querida sogra, pois assim mais fácil lhe será compreender que eu queira continuar a viver do meu oficio. Por outro lado, sosseguem, que o barulho da bigorna e do martelo não as hão de incomodar. A officina de mestre Gervásio fica para o lado da rua de Anjou, e um grande pátio a separa duma bonita casa rodeada de um jardim. Nesta casa habita actualmente o mestre Gervásio; mas como elle tenciona ir viver no campo, cede-ma também. Nós ficaremos, pois, bem alojados nesta casa, tornada muito alegre pelas sombras do jardim que a cerca. Tais são os meus projectos que desde já submetto á sua apreciação e á de Carlota, excepto no que se refere á minha firme e inabalável resolução de viver só do produto do meu trabalho.

—Eu adiro de muito boa vontade aos projectos de João! respondeu alegremente Carlota. Seduz-me de antemão essa casa rodeada dum jardim: mas não creia, sr. João, que eu tenha receio de sujar os meus vestidos ao fumo da forja. Hei de provar-lhe que não tenho

medo de que me ensurdeça a bulha da bigorna e do martelo. E tu, mãe, também aprovas os nossos projectos?

—Eu digo que o nosso caro João é a personificação da honra, da probidade e da delicadeza. Digo que antes queria viver numa mansarda do que ter de me separar dos meus dois filhos. Digo que tenho hoje vergonha dos ridiculos preconceitos em que até agora tenho vivido, com relação ao povo. João ensina-me a apreciá-lo como elle merece.

—Ah! minha querida sogra! exclamou João Lebreun. Eu compreendo e desculpo esses preconceitos de que se acusa. O que dá lugar a elles, o que quasi os justifica ás vezes, são os defeitos de tantos pobres deserdados que foram deixados na miséria, na ignorância, ao abandono, do que quasi sempre nascem vícios. E sabe porque é que eu quero succeder ao mestre Gervásio no estabelecimento onde estão sempre empregados uns vinte operários e aprendizes? E' para fundar na nossa officina uma escola pratica de artistas laboriosos, probos, instruidos, ciosos dos seus direitos de cidadãos, mas também penetrados dos seus deveres cívicos; espero assim tornar ainda mais ardente o seu amor á Pátria e á República; quero, associando-os aos meus trabalhos, associá-los também aos respectivos lucros; quero, finalmente, velar com paternal solicitude pelos meus jovens aprendizes: hei de escolher órfãos, para lhes dar uma família, para os educar como bons republicanos; e creio, Carlota, que poderei contar com o seu auxilio em favor dessas pobres crianças...

—Ah! conte também comigo para isso, meu caro João, disse a sr.ª Desmarais com as lágrimas nos olhos. Compreendo agora a utilidade, a grandeza, a santidade da missão de que quer encarregar-se: quer ser o educador desses operários e aprendizes, quer encarregar-se das suas almas!

Neste momento entrou Gertrudes, que disse ao jovem artista:

—Meu amo soube que estava aqui o sr. Lebreun,

e manda-lhe pedir o favor de o esperar alguns momentos.

—Minha mãe, disse tristemente Carlota, por mais que me repugne a dissimulação, parece-me conveniente que meu pai não saiba da nossa resolução de vivermos longe d'elle logo depois do meu casamento.

—Eu não sou da sua opinião, minha querida Carlota! observou João Lebreun, cuja rectidão de carácter se sentiu um pouco molestada por esta reticência. Demais, temos tempo de pensar nisso. O que é urgente é combinarmos antes da chegada do sr. Desmarais, o meio do sr. Humberto receber a minha proposta.

—Meu caro João, disse a sr.ª Desmarais, eu tenho um meio seguro de me corresponder com meu irmão; mas, se a minha carta fôsse interceptada, e que nela fôsse lido o seu nome, não temo que isso o compromettesse?

—Se fôsse interceptada a carta, daí não resultaria mal nenhum para mim; é leal o passo que dou. Aceitarei altamente a responsabilidade do conteúdo dessa carta, assim como, ainda esta noite, assumi a responsabilidade, aparentemente mais grave, dando a um emigrado que se me refugiara em casa o meio, não de escapar á justiça porque eu não tinha esse direito, mas de sair de nossa casa. Graças a mim, o ex-conde de Plouernel pôde refugiar-se fora da minha casa.

—Era esse grande senhor que outrora tão indignadamente insultou meu marido?

—O sr. de Plouernel? exclamou Carlota. O descendente dessa antiga familia de guerreiros francos que tanto mal têm feito á sua familia plebeia, João?

—Esse mesmo. Por uma fatalidade singular, travou-se entre nós esta noite uma luta provocada por elle próprio. Quando eu pensava que o tinha morto, estava elle apenas ferido. Esta madrugada, antes de ser dia, assim que o sr. de Plouernel tinha recuperado as forças, eu levei-o até á porta da minha casa; o porteiro, reconhecendo-me a voz, abriu a porta da rua ao emigrado. Cumpra-se agora a justiça dos homens: eu

é que não podia denunciar nem entregar um inimigo vencido e ferido por mim próprio.

Neste momento entrou no salão o advogado Desmarais, que disse estendendo cordealmente a mão a João Lebreun:

—Ora viva, meu caro amigo, meu digno discipulo! E entregando-lhe um papel que trazia na mão, continuou:

—Leia isso em voz alta, cidadão João.

O noivo de Carlota leu o que se segue:

«Cidadão colega:

«Tenho a honra de lhe anunciar o casamento de minha filha, Carlota Desmarais, com o cidadão João Lebreun, operário serralleiro.

«O juramento dos dois esposos será recebido pelo official municipal da secção das Lanças, no dia em que cair no cadafalso a cabeça do tirano Luis Capeto.

«Saúde e fraternidade.

«12 de Dezembro do ano I da República única e indivisivel.

Bruto Desmarais».

—E' a cópia da circular que acabo de remeter a todos os colegas da Convenção, para lhes participar o seu casamento com a minha filha. Que me diz da redacção da circular, e do dia escolhido para o casamento?

—Meu Deus! pensava a sr.ª Desmarais estremeecendo. A sorte de Luis XVI inspirava compaixão a meu marido, e elle agora escolhe para o casamento da filha o dia do supplicio deste principe! Que abominável hipocrisia!

E a sr.ª Desmarais saiu do salão.

—Pergunta-me, cidadão Desmarais, o que penso da sua carta de participação e da época escolhida por si para a minha união com Carlota: pois eu responder-lhe hei, com toda a sinceridade, que muito sinto



D. ABAD DE SANTILLAN

N.º 6

COMENTÁRIOS

A JORNADA DE SEIS HORAS

A parte as inovações técnicas, há um factor que melhor determina a produção: a intensidade do trabalho, que hoje é mais forte do que antes da guerra.

Vejamos o balanço de uma poderosa companhia metalúrgica alemã, o *Mansfeldkonzern*, uma empresa que, em 1924, ocupava cerca de 17.000 operários. Por causa da situação política e económica da Alemanha, o balanço de 1924 fechou com dois milhões e meio de marcos de prejuízo. O balanço de 1925, além de nos referir que se cobriu aquele prejuízo, acusa-nos um lucro líquido de mais de três milhões de marcos-ouro. Onde está o segredo deste facto?

Comparemos os resultados da produção de 1924 e 1925: total das toneladas de blocos cupriferos em 1924, 735.000; e em 1925, 728.000; produção total de cobre em 1924, 22.800 toneladas; e em 1925, 23.800; total de quilos de prata produzida em 1924, 91.831; e em 1925, 90.483.

Como se verifica, a produção é quase a mesma. De que maneira se explica o lucro extraordinário de 1925, com 12 milhões, aproximadamente, de impostos, contra quatro, somente, lançados em 1924? Os preços dos produtos também pouco variaram a produzir tais lucros.

O mistério desvenda-se ao comprovar-se que o trabalho em 1925 foi efectuado por um pessoal 16,7 por cento menor que em 1924—ou seja, em cada 100 homens suprimiram-se 16,7—e os resultados da produção foram os mesmos.

Também os salários não aumentaram durante o mesmo período, nem se elevaram muito em relação ao aumento geral de salários e preços. Aqui está uma prova bem palpável do significado, não só da inovação técnica, como do aumento da intensidade do trabalho, que é, geralmente, após a guerra, muito maior que anteriormente.

Lêmos em um diário social-democrata alemão:

«Demonstramos com exemplos numerosos que a diminuição da jornada de trabalho aumenta a produção. E onde isso não suceda, não cabe a culpa aos operários, em geral, mas nos capitalistas, que não se preocupam de adaptar as instalações e ainda a nova jornada.

«Uma nova prova é oferecida pelas condições da indústria alemã de porcelana, acerca das quais informa Edwin Neuninger, em um estudo publicado há pouco pelo União dos operários de porcelana. Até ao fim da guerra, a jornada de trabalho nesta indústria era geralmente de 60 horas semanais.

«Quando, em Novembro de 1918, foi in-

troduzida, em quase toda a parte, a jornada de oito horas, segundo um decreto dos comissários do povo, a indústria de cerâmica fina deveria adaptar-se também às novas condições de trabalho, com a cooperação do operariado por intermédio dos seus delegados aos conselhos operários e de fábrica.

«A União dos operários de porcelana estabeleceu em 1922 o princípio de que a redução de trabalho a oito horas contribuiu para o aumento da produtividade de cada indivíduo, de cada grupo ou de cada estabelecimento, a pesar de essa indústria ter perdido uma grande parte das suas melhores forças por causa da guerra.

A mesma conclusão é reconhecida também pelo órgão dos capitalistas. Por exemplo, o professor W. Vershofen declara no número 3 de *Keramos*, 1924, que em 1921, noventa e sete fábricas produziram 63.000 toneladas de artigos de porcelana, sendo 5.000 mais do que em 1913. Contudo, o pessoal dessas fábricas diminuiu, na proporção de 1913, de 53.063 operários a 50.359; uma parte dos fornos inutilizou-se e houve, no mesmo período, uma enorme escassez de carvão.

O escrito que citamos refere ainda: «Na informação que demos, com os exemplos que apontamos para 1922, os resultados da produtividade, justamente, são bem visíveis e poderíamos considerá-los como lendários se não houvessem comunicado os próprios capitalistas os fundamentos das suas conclusões. Em 1922, publicaram uma estatística de 103 fábricas, cuja produção havia sido elevada ao total de 81.250 toneladas.

«Quer dizer, 23.350 toneladas de artigos de porcelana produziram-se a mais em toda a indústria alemã, em 1922. Até ao ano crítico de 1923, 110 estabelecimentos produziram 65.750 toneladas de objectos de porcelana, ou seja, 7.750 mais do que em 1922.

Se se tiver em conta que, além das fábricas mencionadas nas estatísticas, existem ainda, pelo menos, 30 estabelecimentos do mesmo ramo, cuja produção se calcula em 30 por cento do total de toneladas obtidas por fábricas consideradas nos dados anteriores, pode-se chegar a preciosas conclusões.

O mais importante, o mais assombroso, contudo, é que as fábricas examinadas já foram fundadas antes da guerra, tendo um pessoal expressamente instruído por elas, e, a pesar da falta de carvão, da parcial diminuição do pessoal e da ruína de alguns fornos, com a jornada de trabalho diminuída, produziram mais do que produziam em 1913 toda a indústria alemã de porcelanas.

(Continua)

A alma humana e a espiritualidade da alma

Da impotência psíquica para resolver certos problemas um tanto ou quanto transcendentes que se apresentavam ante a inteligência do homem, nasceu a crença no sobrenatural.

Do número dessas crenças faz parte a alma, essa faculdade imperiosa, que segundo a filosofia dos liceus, é uma entidade, livre e independente que em nós pensa, sente e quer.

Como se formou no cérebro humano a ideia da alma?

Não podemos caracterizar a concepção animista como uma prova de ausência de inteligência no homem.

Antes pelo contrário. Demonstrava até claramente a tendência do espírito a procurar a razão de ser, a origem das coisas.

A ideia da alma pode dizer-se que é um desdobramento da ideia de Deus.

E se esta entidade suprema foi criada na imaginação popular no desejo de dar a si mesmo uma explicação do Universo, do mesmo modo a alma vem justificar a personalidade humana.

No Universo tudo se move, mercê de uma potência sobrenatural que regula todos os movimentos: essa potência é Deus.

Na pessoa, a vida própria tem uma causa também sobrenatural no exterior—é a alma, que é o fundo uma parcela de Deus.

Assim se explica esse dualismo medieval, que serviu de base a uma filosofia, que dominou a humanidade até quase aos fins do século XIX, ainda que então aparecessem os alvôres de uma nova filosofia de mais rasgado horizonte.

A Igreja, porém, aproveitando-se, como sempre, da ignorância popular, alargou com a sua influência deletéria o campo fértil de superstições, de que soube habilitar tirar rendoso fruto; mantendo assim por séculos a inalterável concepção dos fenómenos da vida, a favor exclusivo da sua ambição e em detrimento dos progressos do espírito e ainda em manifesto prejuízo da humanidade.

Que é, pois, em verdade a alma humana? Ninguém o sabe.

Simplemente a análise rigorosa do cérebro humano nos não acusa a existência dessa entidade sobrenatural.

De facto o homem pensa, sente e quer; mas em qualquer dessas manifestações morais e intelectuais apenas se verifica a interferência da acção material do cérebro.

Descobrimos-se localizações cerebrais que correspondem a outras tantas manifestações exteriores de ordem moral ou intelectual, do que se infere que a alma, essa entidade sobrenatural, independente e incorpórea, não passa de uma simples consequência de uma localização mais ou menos perfeita do órgão cerebral, materialmente constituído; e o que é mais, essas manifestações animistas estão fatalmente dependentes do trabalho material do cérebro, que cessam quando este deixa de funcionar normalmente.

E a inteligência humana, surpreendendo o facto eloquentíssimo de estar esta manifestação espiritual dependente do processo material, concluiu que o pensamento não passa de uma propriedade do cérebro e que só pode coexistir com ele e nunca fora dele.

Persistindo no estudo do fenómeno psicológico, chegou à seguinte conclusão:

O homem quando é impressionado por qualquer objecto, de facto liga a impressão à sensação, cuja transformação é imediata, mas não liga a sensação à ideia, que é mais distante; e longe de conceber a ideia como a transformação da sensação, supõe que ela se formou espontaneamente no cérebro e daí o imaginar que pensa o que quer e quando quer!

E a ignorância resultante duma ilusão. Por outro lado há a atender o orgulho demasiado de que sempre foi dotado o homem. Na sua olímpica superioridade se declarou ele mesmo o rei dos animais, que reportava seres inferiores, por lhes faltar a condição divina—a alma.

Este orgulho estendia-se mesmo à sua espécie, pois ninguém pôe em dúvida, que a mulher foi por muito tempo, e ainda hoje, para muito boa gente, considerada um ser sem alma.

Nas próprias escolas se ensina que os homens diferem dos outros animais (vamos que já reconhecem que o homem também é um animal) em ser racional, como se nos outros animais não houvesse raciocínio, dada a existência de cérebro, mais ou menos desenvolvido. Como se a palavra irracional pudesse ser interpretada em sentido absoluto.

Acusar os outros animais de possuírem apenas instinto é mostrar completa ignorância do maquinismo cerebral, pois está sobejamente provado que não há distinção alguma entre inteligência e instinto, a não ser a que apresenta o instinto como um estado ou modalidade da mesma inteligência.

Positivamente todos os animais, seja de que espécie for, desde que são animais, isto é, seres dotados de cérebro, possuem instinto e inteligência.

Mas é o orgulho, ou, mais claramente, a vaidade, que aliada à ignorância própria, de que é filha, cria e desenvolve estes preconceitos, que prejudicam a humanidade inteira, erguendo-lhe a barreira insuperável ao progresso da sua felicidade.

Com estes factos, mais uma vez fica demonstrado que é preciso desbastar no cérebro humano essa rocha secular de ignorância, que a indiferença e o interesse de um punhado de astuciosos faz cristalizar pela eternidade dos séculos.

Em oposição à doutrina da espiritualidade da alma, que, por sua natureza, faria as almas dos primeiros homens duma capacidade potencial igual à dos homens de hoje, foram lentos os primeiros progressos humanos. Que tempo levou a humanidade a sair do período da pedra lascada para o da pedra polida, como este período, já denotando uma certa elevação mental, foi mais curto que o anterior, embora ainda largo bastante, antes que o homem tivesse conseguido achar processo de utilizar e trabalhar os metais; como, entrados por esta última evolução na idade histórica, nos vemos os progressos executarem-se tanto mais rápidos, quanto mais nos aproximamos do nosso tempo. Há pois uma tremenda diferença potencial entre a alma de hoje e a alma de então.

E isto, que constitui um facto irrecusável, seria inadmissível se Deus tivesse feito, superiormente ao corpo, um princípio espiritual duma relativa perfeição, que estivesse para nós como Deus para o Universo.

Esta lenta evolução que se observa, à luz da antropologia pre-histórica e da história, na colectividade humana, observa-se por igual ao homem individual. A criança vem ao mundo sem ideias, completamente imbecil. Apenas a experiência lentamente lhe vai despertando, e tornando possível a sua ligação e as operações da abstracção. Agassiz, a pesar de espiritualista, como naturalista consciencioso que era, não pode furtar-se a enunciar esta verdade: «que a alma duma criança em nada difere de dum chimpanzé».

Longe vai o tempo em que Montaigne se permitia negar aos animais, com uma alma semelhante à nossa, a própria sensibilidade. Os animais não só revelam inteligência como chegam por vezes à prática de acções que levam bem notoriamente impresso o cunho da moralidade. O cão que na defesa do seu dono a quem ganha amizade em gratidão dos benefícios recebidos, afronta a morte, é tão herói como o homem que pelo seu amigo se bate.

Voltando, porém, à alma progressiva, a observação confirma o que dizia Lucrécio no seu poema *Da Natureza das Coisas*: «a alma nasce, cresce e envelhece com o corpo», e nisso mostra a íntima dependência que de dele está. Razão tinha Aristóteles, mais perto de nós renovado por Condillax, ao comparar a alma à tábua rasa na qual a experiência vai abrindo com as sensações, ideias e conhecimentos recebidos do exterior, ideias tanto mais claras, tanto mais bem relacionadas, tanto mais bem conservadas, quanto maior for a reentrância das circunstâncias cerebrais, pois por essa reentrância se gradua a inteligência—o que bem mostra a sua origem material, embora a protegem todos os metafísicos. Ela não é, mais, de facto, do que uma resultante do movimento combinado das células cerebrais, por cujas associações, se divide todo o trabalho mental. E, se assim não é, expliquem-nos a proporção constante entre a inteligência e o volume do cérebro, desde que este esteja em idêntica proporção com o volume total do corpo...

Com a doutrina da espiritualidade da alma é absolutamente incompreensível o que em nós se passa com as doenças de carácter grave, especialmente as doenças cerebrais.

A alma espiritual ressurte-se imediatamente dos males do nosso corpo, decaído com ele, sentindo-se com ele desmoronada, para só se reconstituir progressivamente, e com mais ou menos lentidão, à medida que se retempera o organismo.

E a loucura?... A anormalidade deste estado psíquico fez tal confusão aos antigos, que o atribuíam à acção da periferia diabólica, opondo-lhe então exorcismos sagrados. Hoje, em vez do padre, chama-se um psiquiatra para a cura dos espíritos enfermos; e já se não invoca Deus nem se fazem exorcismos: curam-se as almas mediante a prescrição dum regime higiénico adequado, aplicando duches e ministrando brometos—tudo quanto pode influir sobre o sistema nervoso, o que prova bem que é a alma que reside, e que é por ela que ela se manifesta.

Depois essa espiritualidade é incompreensível perante factos os mais banais da nossa vida. Um afrouxamento de circulação cerebral basta a provocar o sono. E o que é este, senão, com o repouso dos órgãos (excepto os essenciais à manutenção da vida) a supressão temporária da alma, supressão total se o sono é profundo, e parcial se se produzem sonhos, o que basta a demonstrar que a alma não pode ser o tal princípio espiritual, simples e inextenso dos metafísicos? Não demonstra isso, muito ao contrário a dependência absoluta em que a alma está da actividade da massa cerebral?...

A relação entre o que vulgarmente denominamos espírito e o cérebro era já presenteida pelos estatutários da Grécia, quando, ao fazerem as estátuas dos deuses, lhes davam muito maior desenvolvimento frontal do que às dos heróis ou dos simples mortais. Por esse maior desenvolvimento frontal significavam eles a sua superior pujança intelectual.

Essa relação foi, porém, estabelecida cientificamente, e por forma irrecusável, desde que o estudo da psicologia cerebral nos trouxe a teoria das localizações, descobertas empiricamente por dois estudantes de medicina alemães, depois de ter sido apresentada como hipótese por Broca, e mais tarde confirmada pelo eminente Charcot. Desde que se prova, por exemplo, que a memória reside na terceira circunvolução anterior do cérebro, e que, ferida esta circunvolução, a alma se viu para logo destituída da tão celebrada sub-faculdade dos metafísicos; desde que se observa nos povos selvagens, como a variedade das depressões crónicas artificialmente conseguidas, modifica o carácter, segundo a metafísica, e pertença duma alma espiritual; desde que se verifica mediante o processo das viviseções, se no cérebro a sede dos movimentos voluntários, a ponto de tornar a vontade impotente na produção dos movimentos, desde que o cérebro seja ferido ou subtraído, a velha alma espiritual perdeu o crédito que lhe davam a tradição e a fé.

Feri o centro nervoso colocado no terceiro temporal esquerdo. Será uma lesão puramente material e no entanto a alma ficou logo privada da faculdade da palavra. Porque esta se lhe tinha tornado fisiologicamente impossível, como na afasia? Não; mas porque, tendo-se produzido a *surdez verbal*, o homem perdeu por completo a noção da linguagem articulada. Feri o centro do lóbulo parietal inferior e baldada mente quereis passar a papel os vossos pensamentos. Não é a mão que se recusa, na agraphia: é a vossa alma que, atingida pelo golpe material, perdeu a noção da escritura.

Se a alma é puramente espiritual, porque é que, contra o torpor do vosso espírito, usais café e bebidas alcoólicas, a fim-de excitardes as ideias?

Se nos dizeis que nos é impossível dar explicação cabal da produção das ideias, especialmente das ideias abstractas, estamos de acordo. Mas nós também não o pretendemos. Nós estudamos a condição do pensamento. E que vemos? Constantemente o cérebro em funções, de forma que a alma resulta perfeita ou imperfeita, conforme a perfeição ou imperfeição cerebral. De espírito nem vestígios.

Razão tem, pois, Laryel, metafísico todavia, quando, em *Les problèmes de l'Âme* diz que é tão insensato procurar arrancar a

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

O Comité Confederal, na sua primeira reunião, apreciou os trabalhos dos Sindicatos dos Empregados do Comércio de Beja e Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa, nos quais era solicitado que a C. G. T. se fizesse representar nas sessões que realizam no próximo domingo, para comemorar a sua fundação, tendo o Comité resolvido enviar os seus delegados.

Foi também recebida uma comunicação da A. I. T.

O C. C. vai convidar por circular, os organismos aderentes à C. G. T. a enviarem-lhe as suas requisições para os novos selos que hão-de ser usados em 1927; e que serão de cor diferente dos actuais, conforme se tem feito nos anos anteriores.

Câmara Sindical do Trabalho
DE LISBOA

Comissão administrativa

Reuniu-se a Comissão Administrativa e tomou conhecimento de diverso expediente resolvendo levá-lo ao Conselho Geral que reunirá na próxima quarta-feira, 15. Nomear delegado à sessão solene do Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.

Apreciou a circular a enviar aos organismos não aderentes à Câmara, conforme as resoluções do Congresso Extraordinário, a qual será levada ao Conselho Geral, para resolução do mesmo.

Comunicações

Pescadores de Lisboa.—Reuniu-se extraordinariamente a assembleia geral no dia 3 de Dezembro, tomando resoluções sobre a dignidade de um delegado, a qual ficou salvaguarda. Apreciou uma circular da Câmara Sindical do Trabalho, pelo que resolveu dar a sua adesão à mesma, inscrevendo-se com o número de 500 sócios. Nomeou os seus delegados à Câmara Sindical do Trabalho os camaradas Libânio de Matos, Aníbal Gaspar, José Ramalheira Novo.

Pessoal do Município.—Tomaram ontem posse os corpos gerentes nomeados nas assembleias de 7 p. p. Foi apreciada a situação económica do Sindicato, cujas receitas não suprem as despesas. Tal facto, verificou-se ser proveniente do estado lastimável em que se encontram as cobranças. A comissão administrativa, suspende a cobrança na última semana de dezembro, para a sua nomeação.

Em face ainda das receitas da Caixa de Solidariedade, serem insuficientes, para acarreterem as despesas com os presos, ficou assente suspender provisoriamente a solidariedade a um preso e diminuir a de outro.

Resolveu-se que as reuniões da Comissão de Melhoramentos e administrativo se efectue no mesmo dia, às terças e quintas. Todos os membros presentes tomaram o compromisso de olhar para a sério para a sua missão e caso se constate 3 faltas seguidas de qualquer componente sem que o motivo seja por doença se consideram demitidos.

Foi nomeada uma comissão para ir falar com o camarada Luís J. de Abreu a Monsanto e fazer ciência da situação do Sindicato e os motivos exactos da redução de solidariedade.

Para a festa do Pessoal de Tráfego, foi indicado como delegado, Mariano Pereira.

A Comissão de melhoramentos do Sindicato participa à classe que foi 4.ª feira entrevistar o sr. Presidente da Comissão Administrativa, sobre o assunto das certidões de idade e registo criminal. O sr. Presidente respondeu que sobre a certidão de registo criminal, que era inabulável a resolução da Câmara e sobre as de idade, que isso ficava à vontade dos respectivos vereadores do pelouro. A Comissão de melhoramentos, deixa pois à classe a liberdade de fazerem aquilo que entenderem sobre o assunto em questão.

alma ao cérebro, como pretendem extrair dum espelho a imagem nele reflectida.

Realmente o que é toda a nossa psiquia senão a imagem reflectida do exterior, e as combinações, mais ou menos felizes, das diversas imagens recebidas?

Ernesto Bersot, em *La Libre Philosophie*, diz-nos em ár de triunfo, como prova irrefutável da espiritualidade da alma, que «o pensamento não é um movimento, não é um deslocamento no espaço».

Chega a ser pueril, porque ninguém afirma o que Bersot contesta. O que nós dizemos é que o pensamento é uma resultante de movimentos cerebrais combinados sob as múltiplas pressões exteriores e sob o despertar de anteriores impressões recebidas.

Parece que faz diferença.

Comissão de estudo de "A Batalha"

Para prosseguimento dos trabalhos reúne amanhã, pelas 21 horas.

Tribunal de Desastres de Trabalho

Realizaram-se ontem, no Tribunal de Desastres de Trabalho os exames médicos de António Adelino contra C. U. Fabril, sendo resolvido requisitar ao hospital de S. José as cópias dos boletins clínicos e de António Amaro contra a Lex; segue para julgamento por não haver acordo.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

A direcção da Casa Pia de Lisboa

Pedem-nos a publicação do seguinte: «Estando a fazer grave tanforno às famílias dos candidatos do concurso aberto em janeiro do presente ano, ainda o mesmo concurso não está resolvido.

Como a muitos destes candidatos, no caso de serem despatchados, ser-lhes-há dado novo destino, porisso as famílias destes menores pedem para que a resolução deste concurso não demore e que a respectiva lista seja quanto antes publicada no «Diário do Governo». — Um interessado».

REÚNEM HOJE

Compositores tipográficos.—Assembleia geral, pelas 17,30 horas, para continuação dos trabalhos da última assembleia.

Litógrafos e Anexos.—Pelas 20 horas em assembleia geral. Não havendo número em assembleia geral, com qualquer número de sócios, sendo a ordem dos trabalhos: Relatório dos delegados ao Congresso da C. S. T.; apreciação da atitude marcada, pela Comissão Administrativa e de Educação e Propaganda na organização perante a atitude dos delegados da F. do L. J. e S. no C. Confederal; apreciação a constituição do sindicato de indústria gráfica; situação de Eduardo D. Fernandes perante o conflito da Nacional. Em virtude de terem sido convidados a assistir a esta assembleia, delegados da Federação, era da máxima importância a compreensão de toda a classe para tomar conhecimento dos assuntos acima, e marcar a sua posição perante os mesmos.

S. U. Metalúrgico.—Pelas 20,30 horas, a assembleia geral, para continuação de trabalhos da sessão anterior.

Pessoal do Município.—Convidam-se os corpos gerentes que não compareceram à reunião de ontem, a virem tomar posse até terça-feira, das 20 às 23 horas.

Federação dos operários da Alimentação.—Pelas 20 horas, a Comissão Executiva para continuação dos trabalhos pendentes da última reunião.

Federação metalúrgica.—Pelas 19,30 horas, a comissão «Pró-Metalúrgico».

S. U. Metalúrgico.—Pelas 20 horas a assembleia geral com a seguinte ordem dos trabalhos: 1.º apreciar a circular Pró-Preços; 2.º apreciar os estatutos do sindicato; 3.º Assuntos diversos.

—Pelas 19 horas a Comissão Administrativa.

S. U. Mobiliário.—Pelas 20 horas, em assembleia geral, para assunto de interesse para a indústria. Devido à gravidade do assunto a resolver, é imprescindível a comparencia de todos os camaradas militantes.

Federação Mobiliária.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa, para assunto urgente.

Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Pelas 20 horas a Comissão técnica dos cantelões.

DIAS PRÓXIMOS

Reunião de Federações.—Reúne-se amanhã, pelas 21,30.

Manufactureiros de calçado.—Reúne amanhã a assembleia geral para continuação dos trabalhos pendentes.

Sindicatos da província

Ruais de Souzel.—Reuniu-se a assembleia geral, que nomeou os seguintes corpos gerentes: Assembleia geral: secretário, Joaquim Matos. Comissão administrativa: presidente, António Rosa; secretários, Luís Caçador e António Caçador; tesoureiro, Francisco Leal; vogais, Francisco Caçador e José dos Santos Guerlixa. Comissão revisora de contas: Joaquim Matias, José dos Santos Guerlixa e António Caçador.

Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Silves.—Reuniu o Núcleo desta localidade, que apreciou uma circular «referendum» do conselho federal da F. J. S. sobre a qual foi aprovada uma moção e resolvido que se enviasse cópia ao conselho federal. Acerca duma circular questionário do Comité Pró-presos por questões sociais, ficou assente que se participasse na conferência a realizar no sul e aceitou-se a ordem de trabalhos descrita no mesmo questionário.

O boletim da F. J. S. é tomado em consideração, resolvendo-se concordar com a adesão moral ao Bureau Internacional Anti-Militarista. Foi explicado à assembleia que está em vias de constituição uma comissão de propaganda federal no Algarve. E aprovada uma proposta do núcleo de Portimão para que as despesas da primeira reunião da referida comissão sejam cobertas pelos dois núcleos.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Uma escola de militantes e educação mútua

Um comunicado do secretariado do Núcleo de Lisboa

O Secretariado Central do Núcleo de Lisboa, na sua reunião de 8 de Dezembro de 1926, resolveu iniciar desde já os trabalhos necessários para que se inaugure, embora modestamente, a escola de militantes, à qual lhe foi dada a designação de «Escola de militantes e de educação mútua».

Como a própria denominação indica, terá por fim elucidar os jovens acerca da sua posição no movimento operário e social, esclarecê-los sobre a posição em que se encontram as Juventudes perante as restantes escolas sociais, noções práticas e teóricas sobre a missão do militante e outros pontos de cultura sociológica.

Esta escola, absolutamente de carácter juvenil e operário, reger-se-há sob os processos que as possibilidades do-lo facilitarem, partindo do princípio de educação mútua entre jovens, e indo até às conferências públicas ou dedicadas às Juventudes, quer por jovens ou militantes idóneos, professores ou outras entidades que o secretariado julgue competentes.

Para dar imediato andamento a este trabalho, deverão constituir-se em comissão os secretários: geral, de instrução e educação e o de propaganda.

Os camaradas que desejem inscrever-se deverão desde já indicar os seus nomes a qualquer camarada da comissão da Escola.

Secção telegráfica

Federações

TRANSPORTES MARÍTIMOS E FLUVIAIS

Marítimos da Foz do Douro.—Vam

novamente tratar do vosso assunto, junto do ministro da Marinha.

Os industriais de serralharia do Porto reduzem os operários às piores condições económicas

PORTO, 7.—A situação operária é cada vez mais degradante. Todas as classes experimentam a gotilha aterradora da exploração patronal. Mas a especialidade de serralharia está a sofrer fortes enxovalhos que faz revoltar a criatura mais pacífica deste mundo.

Toda a gente sabe a enorme crise de trabalho que tem assolado as classes produtoras; toda a gente viu nessa exagerada descaptação um acinte provocador para deprimir o artificial, dificultar-lhe a existência ainda mais do que o que estava, de molde a que ele se veja forçado a ter de sujeitar-se, após um prolongado licenciamiento povoado de misérias, à mais humilhante situação profissional e económica que se pode conceber.

Pois na classe supramencionada já se principiou, com todo o descaramento peculiar dos bandidos, a evidenciar os verdadeiros propósitos que se tinha previsto de antemão.

Algumas casas da referida especialidade metalúrgica têm, a «muito custo», admitido diversos operários. Os patrões, fingindo-se jesuiticamente filantropistas até à emoção, têm procurado demonstrar que só por uma grandiosíssima atenção pelas pessoas que pedem pelos seus protegidos, é que os leva a inscrever no seu quadro operário mais uma, duas ou três unidades produtoras...

Cedem aos empenhos, mórmente quando são «impostos» pelo grilel elemento feminino—mas isso acarretam-lhes incalculáveis prejuízos...

E, como ninguém deve tomar a mal que eles tratem de ressarcir-se de tão estupidíssimas percas com tais solícitas amabilidades admissoras, ao fim da primeira semana mandam dar salários tão remuneradamente irrisórios, que a alguns operários

têm rebentado as lágrimas pelos olhos fora—tal é a afonia que lhe fazem com um rebaixamento de jorna tão grande...

Que querem? Muito fazem os industriais em atender aos pedidos que insistentemente lhes são feitos. Portanto, os obsequiados têm a estrita obrigação de aceitar salários de 7500, 8500, 9500 e 10500 por dia. E' melhor do que nada...

Isto, francamente, para quem auferia muitíssimo mais, consoante os seus merecimentos, embora então já regateados, é de indignar e de atirar com a «vesmola» à cara do hipócrita caritativo...

Operários que estão a ficar a ganhar aquela insultuosa porcaria! E isto, afinal, quando a vida, longe de atenuar, está a complicar-se por todas as formas!

Escusado será ocultar que alguns destes infelizes, atendendo a que não é fácil conseguir tão depressa colocação, lá ficam sujeitos, agrihados, vergados, à depressão «remuneradoramente» monetária—enquanto não alcançam outra casa que lhes dê melhores garantias...

Como isto, infelizmente, vai pegando em parte, outros industriais licenciam—não despedem—operários até haver que fazer... na «hipótese», que depois se vai tornando realidade, dêles irem parar a outras casas...